

MESTRADO
PSICOLOGIA DAS ORGANIZAÇÕES, SOCIAL E DO TRABALHO

**Desvio endogrupal e desidentificação:
análise exploratória do modelo
tripartido da identificação social**

João Gilberto Amorim Fernandes

M

2019



Universidade do Porto
Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação

**DESVIO ENDOGRUPAL E DESIDENTIFICAÇÃO: ANÁLISE EXPLORATÓRIA
DO MODELO TRIPARTIDO DA IDENTIFICAÇÃO SOCIAL**

João Gilberto Amorim Fernandes

Outubro, 2019

Dissertação apresentada no Mestrado Integrado em Psicologia, na área de Psicologia das Organizações, Social e do Trabalho, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade do Porto, orientada pelo Professor Doutor Miguel Cameira (FPCEUP)

AVISOS LEGAIS

O conteúdo desta dissertação reflete as perspectivas, o trabalho e as interpretações do autor no momento da sua entrega. Esta dissertação pode conter incorreções, tanto conceituais como metodológicas, que podem ter sido identificadas em momento posterior ao da sua entrega. Por conseguinte, qualquer utilização dos seus conteúdos deve ser exercida com cautela.

Ao entregar esta dissertação, o autor declara que a mesma é resultante do seu próprio trabalho, contém contributos originais e são reconhecidas todas as fontes utilizadas, que se encontram devidamente citadas no corpo do texto e identificadas na secção de referências. O autor declara, ainda, que, na presente dissertação, não divulga quaisquer conteúdos cuja reprodução esteja vedada por direitos de autor ou de propriedade industrial.

RESUMO

Neste estudo, que se alicerçou nos pressupostos das teorias da Identidade Social e da Autocategorização, de onde resultam o modelo da Dinâmica de Grupos subjetiva e o conceito de Desidentificação, analisou-se o padrão da identificação grupal face à reação ao desvio intragrupal. Pretendeu-se trabalhar sobre resultados anteriores que mostraram que a emergência de um desvio no grupo se traduz numa diminuição da identificação endogrupal, mas que a possibilidade de reagir a esse desvio leva ao restabelecimento dos níveis inicialmente encontrados, sustentando a ideia de que a desidentificação funciona como um amortecedor protetor do *self*. As mudanças do grau de identificação nas três componentes da identidade social propostas por Cameron (2004) foram estudadas separadamente e de forma exploratória. O plano experimental utilizado foi um 2 x 2 (x3), sendo o Grupo Alvo e a Possibilidade de Reação fatores inter-participantes e as componentes da Identificação Grupal fator intra-participantes. Os resultados confirmaram parcialmente as hipóteses, já que se verificou um restabelecimento da identificação para os participantes impossibilitados de reagir ao desvio. Os resultados relativos ao *Black Sheep Effect*, contrariamente ao idealizado, mostraram a inexistência desse efeito, com os participantes a punirem igualmente os elementos desviantes de ambos os grupos. Na exploração das componentes da identidade social, os resultados revelaram-se consistentes com as hipóteses levantadas, à exceção dos laços endogrupais.

Palavras-Chave: Identidade Social; Identificação Grupal; Desidentificação Grupal; Modelo Tripartido da Identidade Social; *Black Sheep Effect*

ABSTRACT

In this study, which was based on the assumptions of theories of Social Identity and Self-Categorization, from which the Subjective Group Dynamics and the concept of Disidentification result, it was analysed the pattern of group identification in response to the reaction to intragroup deviance. It was intended to work on previous results that showed that the emergence of ingroup deviance translates into a decrease group identification, but that the possibility of reacting to this deviance leads to the restoration of the levels initially found, supporting the idea that disidentification works as protective buffer to the self. The changes in the degree of identification in the three components of social identity proposed by Cameron (2004) were studied separately and in an exploratory manner. The design used was a 2 x 2 (x3), being the Target Group and the Possibility of Reaction inter-participant factors and the Components of the Group Identification intra-participant factors. The results partially confirmed the hypotheses, as there was a reestablishment of identification for participants unable to react to the deviance. The results of Black Sheep Effect, contrary to the idealised, showed the absence of this effect, with the participants punishing equally the deviant elements of both groups. When considering the components of social identity, the results were consistent with the hypotheses raised, except for ingroup ties.

Keywords: Social Identity; Group Identification; Group Disidentification; Three-Factor Model of Social Identity; Black Sheep Effect

RÉSUMÉ

Dans cette étude, fondée à partir des hypothèses sur les théories de l'Identité Sociale et de l'Autocatégorisation, d'où proviennent le modèle de la Dynamique de Groupes subjective et le concept de Désidentification, on a analysé le standard de l'identification groupale face à la réaction à l'écart intragroupal. On a eu l'intention de travailler à partir les résultats précédents qui ont montré que l'émergence d'un écart dans le groupe correspond à une diminution de l'identification endogroupale, mais que la possibilité de réagir à cet écart amène au rétablissement des niveaux trouvés initialement, soutenant l'idée que la désidentification fonctionne comme un amortisseur protecteur du *self*. Les changements du degré d'identification sociale proposés par Cameron (2004) ont été étudiés séparément et d'une façon exploratoire. Le plan expérimental a été un 2x2(x3), étant le Groupe Cible et la Possibilité de Réaction des facteurs inter- participants et les composantes de l'Identification Groupale un facteur intra-participants. Les résultats ont confirmé partiellement les hypothèses, vu qu'on a vérifié un rétablissement de l'identification des participants qui n'ont pas eu la possibilité de réagir à l'écart . Les résultats concernant le *Black Sheep Effect*, contrairement à ce qui a été conçu, ont montré l'absence de cet effet, et les participants ont puni également les éléments déviants des deux groupes. Dans l'exploitation des composants de l'identité sociale, les résultats ont été consistants avec les hypothèses présentées, sauf les liens des endogroupes.

Mots- clé: Identité sociale; Identification groupale; Désidentification groupale; Modèle tripartite de l'identification sociale; *Black Sheep Effect*

Índice

Introdução	1
Capítulo 1 - Teoria da Identidade Social.....	3
1.1 Categorização Social.....	4
1.2 Identidade Social.....	5
1.2.1 As componentes da Identidade Social.....	6
1.3 Comparação Social	8
1.3.1 Mudança Social vs Mobilidade Social	9
Capítulo 2 - Teoria da Autocategorização.....	11
2.1 Princípio do metacontraste.....	11
2.2 Prototipicidade	12
2.3 A saliência das categorias sociais	12
2.4 Despersonalização.....	13
Capítulo 3 - O Modelo da Dinâmica de Grupos Subjetiva	15
3.1 A emergência do Modelo da Dinâmica de Grupos Subjetiva	15
3.2 O papel das normas e a reação ao desvio.....	15
3.3 A derrogação de desviantes do endogrupo e o <i>Black Sheep Effect</i>	16
3.4 O Modelo da Dinâmica de Grupos Subjetiva	17
Capítulo 4 - Desidentificação Grupal	20
4.1 A hipótese da substitutabilidade	20
4.2 A desidentificação como um efeito amortecedor do <i>self</i>	21
4.3 As componentes da desidentificação	22

Capítulo 5 - Desvio endogrupal e desidentificação: análise exploratória do modelo tripartido da identificação social.....	24
5.1 Hipóteses.....	24
5.2 Método.....	25
5.2.1 Participantes.....	25
5.2.2 Plano Experimental.....	26
5.2.3 Procedimento de Recolha de Dados.....	26
5.2.4 Questionário.....	27
5.2.5 Escalas de Medidas Dependentes.....	28
5.3 Resultados.....	29
5.3.1 Análises preliminares.....	29
5.3.2 Identificação Grupal.....	29
5.3.3 Modelo tripartido da identidade social.....	31
5.3.3.1 <i>Centralidade</i>	31
5.3.3.2 <i>Laços</i>	34
5.3.3.3 <i>Afetos</i>	35
5.3.4 Black Sheep Effect.....	36
5.4 Discussão.....	37
Capítulo 6 – Conclusão.....	41
Referências Bibliográficas.....	43
ANEXOS.....	47

Índice de Imagens, Tabelas e Gráficos

<i>Figura 1.</i> Modelo da Dinâmica de Grupos Subjetiva. Adaptado de J. M. Marques, D. Abrams, D. Páez & M. A. Hogg (2001a, p. 414)	18
<i>Tabela 1.</i> Plano Experimental	26
<i>Gráfico 1.</i> Identificação grupal nos três momentos de avaliação em função do grupo alvo (ingroup vs. outgroup)	31
<i>Gráfico 2.</i> Centralidade nos três momentos de avaliação para o ingroup em função da possibilidade de reação (Possibilitada vs. Impossibilitada).....	33
<i>Gráfico 3.</i> Centralidade nos três momentos de avaliação para o outgroup em função da possibilidade de reação (Possibilitada vs. Impossibilitada).....	33
<i>Gráfico 4.</i> Laços nos três momentos de avaliação em função da possibilidade de reação (Possibilitada vs. Impossibilitada).....	35

Introdução

A Teoria da Identidade Social (Tajfel & Turner, 1986), concebida pela necessidade de encontrar um modelo teórico explicativo das experiências dos grupos mínimos, debruça-se sobre os conflitos intergrupais, sendo este um dos problemas mais difíceis e complexos da Psicologia Social da época (Tajfel, 1982). Segundo esta teoria, os conflitos intergrupais têm como função o alcance de uma distintividade grupal positiva para “proteger, realçar, preservar ou alcançar uma identidade social positiva dos elementos do grupo” (Tajfel 1974, 1981, Turner 1975, Tajfel & Turner 1986 in Tajfel 1982). Desse modo, fica perceptível que o autoconceito individual é fortemente influenciado pela pertença grupal e pelo valor emocional que o indivíduo lhe atribui (Tajfel, 1981). Um dos pressupostos desta teoria assenta no facto de que a identidade social se baseia em comparações entre o endogrupo e um exogrupo relevante (Tajfel & Turner, 1986), sendo que a emergência de comportamentos ou elementos que se desviem das normas do grupo e façam com que esta comparação seja desfavorável causará instabilidade e descontentamento no seio grupal.

O desvio é um comportamento que, além de diferente, é considerado negativo para o grupo (Marques, Abrams, Páez & Hogg, 2001a), dado que contraria as suas normas descritivas e põe em causa a sua distintividade positiva face aos grupos externos relevantes. O modelo da Dinâmica de Grupos Subjetiva (Marques & Páez, 1994; Marques, Páez & Abrams, 1998; Marques et al., 2001a), que descreve os processos subjacentes à reação ao desvio, é desenvolvido com a conceção de desvio das normas grupais. Estes processos implicam um nível intergrupalo descritivo e um nível intragrupal prescritivo dependente das normas que descrevem as características do grupo.

Sustentado nos pressupostos teóricos da Teoria da Identidade Social (Tajfel & Turner, 1986), nas assunções do funcionamento do autoconceito social da Teoria da Autocategorização (Turner, Hogg, Oakes, Reicher & Wetherell, 1987) e nas contribuições da reação ao desvio proporcionadas pelo modelo da Dinâmica de Grupos Subjetiva (Marques & Páez, 1994; Marques et al., 1998; Marques et al., 2001a), investigou-se a reação ao desvio de elementos do endogrupo e do exogrupo, introduzindo dois conceitos pouco estudados que a distinguem: a Desidentificação Grupal, inicialmente investigada por Eidelman e Biernat (2003), apologista de que, que em certas circunstâncias, os indivíduos se distanciam do grupo como forma de protegerem a identidade pessoal; e o modelo tripartido da identidade

social de Cameron (2004), que desmembra este conceito e propõe uma escala de medição das três componentes que considera serem as que melhor o caracterizam. Mais concretamente, integrando o modelo tripartido da identidade social de Cameron (2004), estudou-se a reação ao desvio de elementos do endogrupo e do exogrupo tendo em conta a hipótese da substitutabilidade proposta por Eidelman e Biernat (2003) e a elucidação do papel da desidentificação na reação ao desvio de Cameira e Ribeiro (2014). Na sua senda, a desidentificação serve como um amortecedor do *self* até ser possível a derrogação do comportamento desviante.

O enquadramento teórico inicia-se com o Capítulo 1 e 2, nos quais são explorados, respetivamente, os pressupostos teóricos da Teoria da Identidade Social (Tajfel & Turner, 1986), sem olvidar o paradigma dos grupos mínimos que a alicerça, e da Teoria da Autocategorização (Turner et al., 1987). Tendo por base ambas as teorias, no Capítulo 3 é dado enfoque ao Modelo da Dinâmica de Grupos Subjetiva (Marques & Páez, 1994; Marques et al., 1998; Marques, et al., 2001a), descrevendo os processos pelos quais ela ocorre. O Capítulo 4 é dedicado ao conceito de Desidentificação, destacando-se nele as contribuições de Eidelman e Biernat (2003) e de Cameira e Ribeiro (2014). Neste capítulo, houve a preocupação de ligar este conceito à Teoria da Identidade Social (Tajfel & Turner, 1986) e à reação face ao desvio. O Capítulo 5 é reservado ao estudo empírico, que inicia com a apresentação e fundamentação das hipóteses que abrangem esta investigação e termina com a discussão geral dos resultados encontrados. Durante a investigação recorreu-se ao modelo tripartido da identidade social de Cameron (2004) como escala de medição da identificação com o grupo. Por fim, no Capítulo 6, são relatadas as principais conclusões desta investigação.

Capítulo 1 - Teoria da Identidade Social

O estudo de Tajfel, Billig, Bundy e Flament (1971), que teve como objetivo principal analisar os impactos da categorização social no comportamento intergrupar, tornou-se um marco na literatura psicossocial ao abrir portas a uma nova metodologia de estudos dos processos grupais denominada de “paradigma dos grupos mínimos”, em virtude de pretender manipular a percepção dos indivíduos de que pertencem a um de dois grupos sem a intervenção de variáveis que possam incrementar essa percepção (Turner, Brown & Tajfel, 1979). Este estudo decorria em duas fases: na primeira era induzida a categorização intergrupar, ou seja, a ideia de que existem dois grupos distintos, e, na segunda, eram avaliados os efeitos dessa categorização no comportamento intergrupar. Os participantes foram informados de que iriam ser divididos em dois grupos (um grupo com muita precisão e outro grupo com pouca precisão), tendo em conta o seu rigor de contagem de pontos brancos numa tela. Através de seis matrizes desenvolvidas pelos autores, cada participante teria de compensar monetariamente outros dois, sendo que a única informação de que dispunham era se quem estava a atribuir a compensação era um membro do seu próprio grupo (endogrupo) ou do outro grupo (exogrupo). Os resultados deste estudo revelaram que as ações dos sujeitos são “inequivocamente dirigidas a favorecer membros do endogrupo em detrimento dos membros do exogrupo” (Tajfel et al., 1971, p. 172), quando existe uma situação controlada sem as habituais implicações da interação com um grupo externo. Além disto, os autores descobriram que, no momento da atribuição do valor monetário entre um membro do endogrupo e um membro do exogrupo, os participantes optaram pela estratégia de “*Maximum Difference*” (MD) ao invés da estratégia de “*Maximum ingroup payoff*” (MIP). Enquanto que na estratégia de MIP os participantes distribuem os valores monetários de forma a que o elemento do endogrupo receba a maior quantia de dinheiro, na estratégia MD os participantes optam por escolher a maior diferença possível entre os valores de atribuição, sendo esta diferença a favor do elemento do endogrupo. Por outras palavras, os participantes estavam mais preocupados com o facto dos elementos do exogrupo receberem menos do que com os valores absolutos dos membros do endogrupo.

De forma a sustentar as conclusões retiradas sobre o “paradigma dos grupos mínimos”, Billig & Tajfel (1973) replicaram o estudo anteriormente descrito, separando a condição de categorização da condição de similaridade, uma vez que esta última poderia provocar efeitos no favoritismo endogrupal e na discriminação face ao exogrupo. As

experiências realizaram-se de forma semelhante ao estudo anterior. Os autores concluíram que, apesar da similaridade afetar positivamente o favoritismo endogrupal, “não parece ser uma variável tão crucial como a categorização social” (Biling & Tajfel, 1973, p. 48), dando ênfase, uma vez mais, a que apenas era necessária a situação intergrupar mínima para a existência de “*ingroup bias*”.

Apesar destes resultados, Turner (1975) considerou que o “paradigma dos grupos mínimos” era mais complexo do que aquele que os colegas propunham. Segundo este autor, o facto de os participantes terem sido divididos em dois grupos possibilitou-lhes uma identidade social positiva que, uma vez gerada, “pode ser especificamente independente e antecedente a qualquer comportamento de qualquer grupo” (p. 9).

A designação deste paradigma, transporta, na sua génese, a pretensão de manipular a percepção dos indivíduos de que pertencem a um de dois grupos, sem a intervenção de variáveis que possam incrementar essa percepção (Turner et al., 1979).

À guisa de conclusão, a Teoria da Identidade Social, proposta por Tajfel e Turner (1986), surgiu da necessidade de encontrar um modelo teórico explicativo das experiências dos grupos mínimos. Nas secções seguintes, serão apresentadas as componentes empíricas que dão robustez a esta teoria.

1.1 Categorização Social

A categorização social é a componente cognitiva da divisão grupal que gera a diferenciação de membros do endogrupo e do exogrupo (Turner et al., 1987). Por outras palavras, um indivíduo não processa as características das outras pessoas de uma maneira individualizada. Ao invés disso, procura categorizá-las de acordo com grupos sociais, simplificando a informação proveniente do meio social. Este processo, enraizado na natureza da sociedade, leva a que os indivíduos usem as categorizações como uma referência para a sua conduta quando há critérios de divisão grupal definidos. Apesar disso, as categorizações são também importantes nos ambientes desprovidos de diferenciação, uma vez que lhes proporcionam ordem e coerência, ajudando o indivíduo a agir de acordo com o que é apropriado (Tajfel et al. 1971). Selecionar, acentuar e interpretar informações provenientes

do ambiente social deve ser entendido, segundo Alport (1954), como uma ferramenta especial do funcionamento da categorização.

A categorização social, além de produzir discriminação exogrupal e favoritismo endogrupal (*ingroup bias*; Tajfel et al., 1971; Billig & Tajfel, 1973; Tajfel & Turner, 1986) produz também um efeito de acentuação (Tajfel, 1957; Tajfel, 1959 in Hogg & Abrams, 1988). Comporta uma função cognitiva e uma função de valor. A função cognitiva utiliza os itens individuais dos membros da categoria para ordenar, sistematizar e simplificar a complexidade dos grupos sociais, com o objetivo de obter uma acentuação das similaridades e diferenças através da confrontação dos indivíduos com o meio social; a função de valor acentua ainda mais as semelhanças e diferenças quando os indivíduos associam um valor subjetivo a tais categorias (Tajfel, 1982).

Em suma, o processo de categorizar pessoas tem referência nelas próprias, ou seja, os indivíduos tendem a “classificar os outros com base nas suas semelhanças e diferenças tendo em conta eles mesmo, percebendo constantemente os semelhantes como membros da mesma categoria (membros do endogrupo) e os diferentes como membros de uma categoria diferente (membros do exogrupo)” (Hogg & Abrams, 1988, p. 19). Desta forma, é correto referir que a categorização social tem influência direta na formação de grupos sociais.

1.2 Identidade Social

A psicologia social distingue-se por estudar o comportamento social humano, e a identidade social é um modo único de a abordar. Identidade social é definido como “aqueles aspetos do autoconceito de um indivíduo com base no seu grupo social ou suas categorias, juntamente com as componentes emocionais, avaliativas e outros elementos psicológicos” (Turner et al., 1987, pag. 29), sendo um grupo definido como um conjunto de dois ou mais indivíduos que compartilham uma identificação social comum ou que se consideram membros da mesma categoria social (Turner, 1982 in Hogg & Abrams, 1988), e que partilham algum envolvimento emocional nessa definição (Tajfel & Turner, 1986), se existir um grau de satisfação ou insatisfação associado ao valor de pertença grupal. Esta contém três componentes: a cognitiva, referente à perceção de inclusão num grupo social; a avaliativa, que permite uma aferência positiva ou negativa dessa pertença, e a emocional,

referente às emoções que resultam da avaliação da pertença (Tajfel, 1978; Tajfel 1981; Tajfel, 1982).

Na descrição dos processos da identidade social, Tajfel & Turner (1986) enumeram as seguintes afirmações como os seus pressupostos: 1) os indivíduos esforçam-se por um autoconceito/autoestima positiva. 2) os grupos a que os indivíduos pertencem têm conotações de valor positivo ou negativo de acordo com as avaliações desses grupos, contribuindo para a identidade social de um indivíduo. 3) a avaliação do grupo é feita através de comparações sociais em termos de características relevantes que podem produzir um prestígio elevado ou baixo, dependendo do tipo de discrepância entre o endogrupo e o exogrupo. Destes pressupostos derivam os seguintes princípios teóricos: 1) os indivíduos esforçam-se por alcançar identidades sociais positivas. 2) a identidade social positiva advém de comparações favoráveis entre o endogrupo e os exogrupos relevantes. 3) se a identidade social for negativa e causar insatisfação nos indivíduos, faz com que estes tendam a deixar o seu grupo e se juntem a outro positivamente distinto.

Em síntese, “o grupo social é visto como um provedor de identidade social positiva para os seus membros através da comparação e da diferenciação, a partir de outros grupos comparáveis, em dimensões salientes que têm um valor deferencial claro” (Commins & Lockwood, 1979, p. 282). Para além disto, o produto de uma identidade social positiva é o favoritismo endogrupal (*ingroup bias*), interpretado como uma orientação para uma avaliação positiva do endogrupo em detrimento do exogrupo (Billing & Tajfel, 1973; Abrams & Hogg, 1988; Turner, 1975; Tajfel & Turner 1986).

1.2.1 As componentes da Identidade Social

Tendo em conta a definição de identidade social de Tajfel, anteriormente referenciada, muitos foram os autores que se empenharam em compreender se este construto se tratava de algo unidimensional ou multidimensional e, conseqüentemente, se deveria ser mensurado num contínuo de baixa/alta identificação ou mensurado através das possíveis dimensões que o mesmo compreendia (Brown, Condor, Mathews, Wade & Williams, 1986; Ellemers, Kortekaas & Ouwerkerk, 1999; Cameron & Lalonde, 2001).

Cameron (2004), um dos autores que defende que a identidade social comporta dimensões distinguíveis, refere que tais dimensões têm “relações únicas com critérios

relevantes para o grupo, incluindo a discriminação intergrupar, ajuste psicológico, auto-estereotipagem, percepções de discriminação e dimensões ligadas à cultura do autocontrole” (pag. 257). Ao analisar-se a definição de identidade social de Tajfel, fica clara a existência de três dimensões nela presentes: consciencialização da pertença grupal, avaliação e afeto. Estas dimensões, apesar de pouco claras em termos de mensuração, foram o mote para o desenvolvimento de escalas que permitem a medição da identidade social e das suas dimensões relacionadas. Enquanto Brown et al. (1986) defende que a identificação social se divide nas componentes anteriormente descritas, e Ellemers et al. (1999) descobriu que esta se podia distinguir entre status do endogrupo, tamanho do endogrupo e formação do grupo, Cameron & Lalonde (2001), ao estudar a relação entre a identificação social com a ideologia de género em homens e mulheres, concluiu que a identificação social podia ser concetualizada com significância em pelo menos três fatores: centralidade, afeto e laços com o endogrupo.

Apesar dos vários estudos sobre as dimensões da identidade social, é particularmente interessante analisar as três dimensões propostas por Cameron, uma vez este ter recorrido a uma análise fatorial confirmatória para avaliar “o ajuste das relações observadas entre os itens e um padrão hipotético de fatores e cargas fatoriais” (Cameron, 2004, p. 247). Tal análise acabou por suportar a aceitabilidade do modelo tripartido por ele proposto.

A centralidade pode ser instrumentalizada na frequência com que a pertença grupal vem à mente de um indivíduo (Gurin & Markus, 1989 in Cameron, 2004) e na importância subjetiva para a autodefinição (Luhtanen & Croker, 1992 in Cameron, 2004). O ser humano, enquanto ser dinâmico, pode pertencer a vários grupos sociais ao mesmo tempo, sendo que o significado psicológico de pertença grupal ou a realização de comportamentos que caracterizam esse grupo apenas se manifestam num determinado momento (quando uma categoria social se torna relevante). No entanto, segundo Cameron (2004), alguns indivíduos são cronicamente predispostos em perceber e a agir face a uma categoria, sendo a sua identidade social relativamente central. Isto é, quanto mais o grupo vier à mente de um indivíduo, mais central é a sua identidade social.

Como mencionado no subcapítulo *identidade social*, os elementos de um grupo esforçam-se para atingir uma identidade social positiva através de comparações positivas com grupos externos (e.g. Tajfel 1982; Tajfel & Turner, 1986). Assim, caso haja uma identidade social positiva, irão surgir emoções positivas nos elementos do grupo. Em sentido

contrário, caso haja uma identidade social negativa, irão surgir emoções negativas. No modelo tripartido proposto por Cameron (2004), esta componente avaliativa das comparações com o exogrupo é denominada de afetos grupais, pois os itens da escala mensuram emoções específicas que surgem da associação grupal.

Os laços endogrupais dizem respeito aos “laços psicológicos que ligam o *eu* ao grupo” (Cameron, 2004, p. 242), ou seja, são relativos à faceta emocional da identidade social. Tendo em conta Phinney (1992, in Cameron, 2004), a percepção de proximidade emocional é comumente utilizada nas medidas de identidade social através do sentimento de pertença ao grupo, tal como acontece na escala proposta pelo autor em análise.

Por fim, Cameron (2004) construiu uma escala destinada a medir o modelo tripartido da identidade social, composta por 12 itens divididos de forma igual pelas três dimensões identificadas.

1.3 Comparação Social

Festinger (1954), formulador da Teoria da Comparação Social, refere que os indivíduos possuem um impulso para a avaliação das suas opiniões e habilidades através da comparação com as opiniões e habilidades dos outros. Esta tendência para a comparação com um indivíduo diminui à medida que a diferença entre ambos aumenta.

A comparação, anteriormente referida, tem dupla funcionalidade: por um lado, permite ao sujeito aferir a sua semelhança com os restantes elementos do seu grupo e, por outro, permite ao grupo ser avaliado através da comparação com os outros (Turner et al, 1979), atendendo a que membros integrantes de um grupo nunca se comparam com membros integrantes de um grupo externo cognitivamente disponível. Segundo Tajfel e Turner (1986), para a existência de comparação social intergrupar, o exogrupo tem de ser percebido como um grupo relevante, sendo que a “similaridade, proximidade e saliência situacional são variáveis que determinam a comparabilidade face ao exogrupo” (p. 41).

Relativamente à finalidade deste processo, existem algumas discrepâncias. Se para Festinger (1950) a comparação tem como objetivo a uniformidade dos elementos do grupo, para Turner e colaboradores (1979), a finalidade da comparação é simples: baseada na Teoria da Identidade Social, “as comparações discrepantes positivas entre o endogrupo e algum

exogrupo relevante fornecem uma identidade de grupo positiva que aumenta a autoestima” (p. 190).

1.3.1 Mudança Social vs. Mobilidade Social

O resultado das comparações sociais é uma identificação social positiva ou negativa, que, por sua vez, dependerá da avaliação positiva ou negativa do grupo. Uma avaliação social negativa trará consequências para os elementos do grupo e pode pôr em marcha estratégias de mobilidade social que implicam desidentificação grupal por parte dos seus membros (Tajfel & Turner, 1986). As estratégias baseiam-se em crenças sobre a estrutura das relações intergrupais presentes na sociedade que se organizam através de um *continuum* que é caracterizado pelos seus dois extremos: a “mobilidade social” e a “mudança social”.

Sorokin (1998) definiu “mobilidade social” como o “fenómeno de deslocamento de indivíduos dentro do espaço social” (pág. 3). Tajfel & Turner (1986), também no âmbito individual e com uma ideia semelhante, referem que, caso os indivíduos não estejam satisfeitos dentro dos grupos sociais ou categorias sociais a que pertencem, podem mover-se individualmente para outro grupo ou categoria, mas apenas quando os sistemas sociais em que os grupos se inserem são flexíveis e permeáveis. Esta movimentação individual acontece através de talento, trabalho duro, boa sorte ou de qualquer outro meio. No outro extremo deste *continuum* está presente o sistema de crenças da “mudança social”, representada por uma forte estratificação e fronteiras impermeáveis, o que torna muito difícil, ou até mesmo impossíveis, aos indivíduos alienarem-se da sua pertença grupal. Desta forma, a única saída é tentar “mudar” o sistema social, modificando os estatutos dos grupos em questão.

Tal como referido anteriormente, é a identidade social negativa que despoleta nos indivíduos estratégias para a mudança social. Tajfel e Turner (1986) enunciam três reações possíveis para a ocorrência da mudança: mobilidade individual, criatividade social e competição social. A mobilidade individual acontece quando os indivíduos se encontram mais próximos do extremo “mobilidade social”. O indivíduo, ao desidentificar-se com o grupo, tenta, por conta própria, mover-se para um grupo com um estatuto maior, não alterando o do grupo anterior. A criatividade social, ao contrário da estratégia anterior, é uma estratégia grupal com a qual os elementos do grupo procuram a distintividade positiva que pode ser alcançada através de três meios:

- 1) Os membros do grupo, ao perceberem a sua inferioridade na dimensão que está a ser alvo de comparação, procuram comparar-se numa outra dimensão em que se acham superiores. A dificuldade deste meio de criatividade social é a legitimação desta nova dimensão tanto no endogrupo, como no exogrupo, que, se for realizada de forma eficaz, pode comprometer a superioridade do exogrupo aumentando a tensão intergrupala.
- 2) Através da mudança de valores que foram conferidos ao grupo por via de comparações negativas anteriores, o grupo pode alcançar uma identidade social positiva. Dito de outra forma, os elementos do grupo passam a conferir um valor positivo à característica que foi entendida de forma negativa.
- 3) Mudar o exogrupo com que o endogrupo é comparado também pode ser um meio de criatividade social. Desta forma, os membros do endogrupo abstraem-se de utilizar o exogrupo de estatuto elevado como referência para as suas comparações. Ao invés, mudam o seu foco comparativo para um exogrupo com um estatuto igual ou inferior.

Por fim, na competição social, os elementos do endogrupo alcançam a distinção positiva através da competição direta com o exogrupo onde “tenderão a superestimar a performance dos elementos do seu grupo e depreciar a performance dos elementos do exogrupo rival” (Sherif, Harvey, White, Hood & Sherif, 1961, p. 148).

Capítulo 2 - Teoria da Autocategorização

A Teoria da Autocategorização (Turner et al., 1987) consiste num conjunto de ideias que se debruçam sobre a estrutura e funcionamento do autoconceito. Por outras palavras, debruça-se sobre o estudo do conceito baseado na comparação do indivíduo com os outros e na pertinência da interação social.

Tendo por base os escritos de Rosch (1978), Turner et al. (1987) defende que a autocategorização existe num sistema hierarquizado e forma-se através de níveis de abstração relacionados com o nível de inclusão na categoria. Ou seja, o nível de abstração refere-se ao grau de inclusão nas categorias e, por isso, “quanto mais inclusiva for a autocategorização, maior será o nível de abstração” (Turner et al., 1987, p. 45). Existem três níveis de abstração importantes que ajudam os indivíduos a categorizar-se e a categorizar os demais, sendo eles, o nível super-ordenado (o *eu humano*), que enfatiza o contraste das autocategorizações baseadas na identidade de um ser humano com outras formas de vida; o nível intermédio de categorização endogrupo/exogrupo (identidade social), que, como anteriormente foi mencionado, se baseia nas semelhanças e diferenças sociais entre elementos do endogrupo e do exogrupo; e o nível subordinado da autocategorização (identidade pessoal) alicerçado nas diferenciações entre o *self* e os outros indivíduos, assumindo-se como uma pessoa individual única.

De acordo com a perspectiva de Hogg & Abrams (1988), a autocategorização “é o processo que transforma indivíduos em grupos” (p. 19) e tem como função ajudar o indivíduo a entender que se insere em determinada categoria por ter uma identidade comum aos elementos que a ela pertencem e gerar comportamentos coerentes com as dimensões que são estereotipadas.

2.1 Princípio do metacontraste

O princípio do metacontraste, inserido na teoria da autocategorização, serve como base para a formação de grupos emergentes. Este postula que qualquer conjunto de indivíduos, num determinado meio social, é mais passível de se categorizar como grupo quando as diferenças subjetivamente percebidas entre eles são menores do que as diferenças

subjetivamente percebidas entre outros indivíduos presentes no mesmo meio social (Turner et al., 1987). Ou seja, esclarece os limites dentro dos quais os sujeitos podem ser considerados elementos do endogrupo ou do exogrupo (Marques et al., 2001a).

Assim, é explícito que “a categorização é relativa ao quadro de referência e, portanto, relativa aos contrastes disponíveis no campo de estímulos saliente”, podendo, desta forma, ser usada para definir a prototipicidade relativa dos membros de um grupo (Oakes, Haslam & Turner, 1998 pág. 77). Quanto maior o nível de metacontraste, maior a prototipicidade de um indivíduo, fenómeno que analisamos de seguida.

2.2 Prototipicidade

Como foi mencionado, quanto maior o metacontraste, maior a prototipicidade. Isto acontece porque os protótipos obedecem ao princípio do metacontraste fazendo com que as semelhanças dentro do grupo e as diferentes entre grupos sejam acentuadas.

Segundo Hogg (2006), o protótipo é a representação cognitiva de uma categoria. É um conjunto de percepções, atitudes, sentimentos e comportamentos relacionados entre si que registam as semelhanças e diferenças dentro do grupo e as semelhanças e diferenças de grupos ou pessoas do meio externo. O protótipo ou o grupo protótipo “definem a posição normativa e, como os membros são atraídos pelo protótipo, alinham-se a ele” (Abrams, 2015)

Posto isto, a prototipicidade depende das comparações intergrupais. Os indivíduos definidos como protótipos do grupo são aqueles que diferem mais dos elementos do exogrupo e menos dos elementos típicos do endogrupo (Oakes et al., 1998).

2.3 A saliência das categorias sociais

Num conjunto de diferentes categorizações internalizadas, nem todas têm o mesmo nível de relevância para o indivíduo ou para o grupo, tendo Oakes (1987) analisado os processos responsáveis pelo aumento da saliência de categorizações intergrupais. Baseado

em Bruner (1957), Turner e colaboradores (1987) referem que a acessibilidade relativa (*relative accessibility*) da categoria para o indivíduo e o ajuste (*fit*) entre o estímulo percebido e os requisitos dessa mesma categoria são as componentes que determinam a saliência.

A acessibilidade consiste na facilidade em que uma categoria passa ao estado ativo de acordo com os estímulos apresentados. Isto significa que, quanto mais acessível for a categoria, maior será o número de características dos estímulos entendidos como congruentes com as especificações da mesma e menor será a hipótese de outras categorias adequadas ao estímulo se tornarem ativas. Os determinantes da acessibilidade que maior importância têm neste processo são as experiências passadas de um determinado ambiente e os motivos imediatos da pessoa. O ajuste, por seu turno, diz respeito ao grau em que os critérios da categoria correspondem às características do estímulo. Ou seja, um indivíduo não é percebido como um atleta se não estiver equipado a rigor ou a praticar o desporto.

Segundo Turner, et al. (1987), estes dois fatores que “aumentam a saliência das categorizações intergrupais tendem a aumentar a identidade percebida entre o *self* e os membros do endogrupo, despessoalizando a autopercepção nas dimensões estereotipadas que definem a afiliação grupal (p. 50).

2.4 Despessoalização

Tal como aludido anteriormente, a teoria da autocategorização pressupõe a saliência de categorias grupais que levam à acentuação das semelhanças entre os elementos da mesma categoria e das diferenças entre os elementos de categorias externas. O resultado destes processos é o aumento da identidade entre o *self* e os membros do grupo no sentido de despessoalização da autopercepção (Turner et al., 1987). A despessoalização é o produto da formação de categorias endgrupais e da saliência destas, sendo definida como o processo pelo qual “as pessoas passam a perceber-se mais como um exemplo permutável de uma categoria social, do que como uma entidade única definida pelas suas diferenças individuais em relação aos outros” (Turner et al., 1987, p. 50). Em outros termos, a despessoalização significa deixar de ver um indivíduo como uma figura isolada e passar a percebê-lo como alguém que tem os atributos de uma categoria. Segundo Hogg (2006), se os atributos são

positivos, existem percepções favoráveis produzidas pela despersonalização e se os atributos são negativos podem conduzir à desumanização.

Apesar de o indivíduo deixar de ser compreendido como uma figura isolada, tal não significa a perda da sua identidade individual. A perda de identidade individual, ou a percepção de que alguém não tem qualidades para ser tratado como um ser humano, diz respeito ao processo de desumanização (Hogg, 2006). Na despersonalização, existe um ganho na identidade através da passagem da identidade individual à identidade social, tendo os indivíduos a possibilidade de atuar nos termos das semelhanças e das diferenças sociais (Turner et al., 1987).

Capítulo 3 - O Modelo da Dinâmica de Grupos Subjetiva

3.1 A emergência do Modelo da Dinâmica de Grupos Subjetiva

“A Teoria da Identidade Social (TIS) e a Teoria da Autocategorização (TAC) descrevem sistematicamente os processos cognitivos, de valor e emocionais que acompanham o julgamento e comportamento do grupo” (Marques et al., 2001a, p. 404), para além de se debruçarem sobre a identidade social e seus processos. Dado que os grupos definem a identidade social dos indivíduos, estes estão naturalmente predispostos a manter uma distinção grupal positiva.

Conforme foi referido no capítulo da TIS, a distinção face ao grupo externo acontece através comparações sociais relevantes em que o grupo venha a ganhar. Contudo, tal processo pode ser dificultado pela presença de um desvio que comprometa a legitimidade do grupo. A TIC e a TAC não pressupõem tal ocorrência, pelo que a Dinâmica de Grupos Subjetiva surge como um modelo explicativo da reação dos integrantes do grupo ao desvio.

3.2 O papel das normas e a reação ao desvio

As normas podem ser definidas como preposições que estabelecem crenças, perceções e comportamentos dos membros de um grupo (Marques et al., (2001a). O mesmo autor, em conjunto com Abrams e Serôdio (2001b) sugeriu que os indivíduos se diferenciam dentro dos grupos em termos de normas descritivas (e.g. sexo, cor de pele ou faixa etária) e dentro das várias categorias em termos de normas prescritivas (requisitos básicos para a promoção de uma identidade positiva). Nem todas as normas são específicas de um grupo. Existem normas genéricas que se aplicam de forma igual a vários grupos e aos seus membros e que, segundo Marques e colaboradores (2001b), enquanto as descritivas agem como critérios para definir a associação grupal, as prescritivas podem ser definidas como normas sociais devido ao facto de envolverem valores genéricos e condutas padrão. Contudo, todas elas têm como função garantir o consenso no seio de um grupo e são imprescindíveis na “manutenção de uma identidade social positiva e segura, para além de garantir o bem-estar psicológico do indivíduo como membro de um grupo” (Marques et al., 1988, p. 125).

Assim sendo, a existência de um membro desviante pode representar uma forte ameaça à distintividade e identidade social positiva de um grupo (e.g. Marques et al., 2001b; Marques et al., 2001a; Marques et al., 1988). Aquando da existência de elementos desviantes no interior de um grupo, os elementos normativos tentarão, numa primeira fase, dissuadi-los para se aliarem à corrente principal do grupo (crenças, comportamentos e perceções normativas) e, numa segunda fase, recorrem à hostilidade em relação aos desviantes resistentes com o objetivo de os rejeitarem ou redefinirem os limites grupais (Cartwright & Zander, 1968; Festinger, 1950; Levine, 1989 in Marques et al., 2001a). Caso se trate de elementos desviantes do grupo externo, existe uma redução do ajuste deste grupo à categoria em causa, contribuindo para o aumento da positividade e distinção do endogrupo (Marques et al., 2001b). Assim, a punição dos desvios age como uma ferramenta importante do sistema de regulação social e de uma comunidade (Marques et al., 1988).

3.3 A derrogação de desviantes do endogrupo e o *Black Sheep Effect*

Face à presença de desviantes no seio do endogrupo que ponham em causa a distintividade e identidade positiva do mesmo, são despoletados mecanismos que têm como função reverter essa situação, nomeadamente, a derrogação desses elementos, que atua como um papel funcional para o grupo.

A estratégia de derrogação dos elementos desviantes do endogrupo está estreitamente relacionada com o princípio do metracontraste definido por Turner e colaboradores (1987) na teoria da autocategorização. Uma vez que o metracontraste define as melhores categorias contrastantes num determinado contexto e avalia de que forma as semelhanças e diferenças satisfazem tal categorização, é também capaz de definir até onde os membros do endogrupo podem cometer um desvio sem ameaçar a otimização da categoria (Hogg, 1992 in Marques et al., 2001a). Os elementos do grupo que se desviam ao ponto de ameaçar a otimização da categoria põem em risco a distinção do grupo em relação ao grupo externo e, por isso, atraem reações negativas dos restantes elementos do grupo. Aqueles que se assemelham ao protótipo do grupo atraem reações positivas por validarem a identidade social (Marques et al., 2001a).

Tento em conta esta ideia de favoritismo endogrupal, Marques, Yzerbyt e Leyens (1998), hipotetizaram que o julgamento de membros normativos e desviantes do endogrupo

deveriam produzir avaliações mais extremas, fossem elas positivas ou negativas, do que o juntamento de membros normativos e desviantes do grupo externo, considerando o mesmo tipo de desvio. Num estudo que ambos realizaram, ao colocarem estudantes belgas a avaliarem estudantes belgas atrativos, estudantes africanos atrativos, estudantes belgas desinteressantes e estudantes africanos desinteressantes, concluíram que os elementos do grupo foram favoravelmente avaliados em relação ao grupo externo quando se tratava de membros atrativos, e que foram desfavoravelmente avaliados em relação ao grupo externo quando se tratava de membros desinteressantes. A este fenómeno, deram-lhe o nome de *Black Sheep Effect* (Efeito de Ovelha Negra).

O *Black Sheep Effect*, no entanto, não acontece sempre que se comparam membros desviantes do endogrupo com membros desviantes do exogrupo. Os autores anteriormente referenciados, numa segunda experiência descrita no mesmo estudo, mostram que este fenómeno apenas acontece quando a norma de diferenciação grupal é relevante. Quando a norma de diferenciação grupal é irrelevante, os participantes julgam os membros normativos e não normativos do endogrupo e do exogrupo de forma igualmente favorável.

Assim, é “notável que o *Black Sheep Effect* emerge onde a norma providencia a diferenciação entre o grupo e o grupo externo” (Marques et al., 2001a, p. 409), podendo ser considerada uma estratégia psicológica para a preservação da identidade positiva do grupo (Marques et al., 1988), uma manifestação de *ingroup bias* e uma estratégia de mudança social (Marques & Páez, 1994), indo ao encontro da Teoria da Identidade Social. Um último destaque para este fenómeno social vai para o facto destes estudos se diferenciarem dos estudos clássicos de derrogação a desviantes. Enquanto que nos estudos do *Black Sheep Effect* os participantes avaliam indivíduos desconhecidos, nos estudos tradicionais os participantes envolvem-se na interação grupal (Marques et al., 2001a).

3.4 O Modelo da Dinâmica de Grupos Subjetiva

O Modelo da Dinâmica de Grupos Subjetiva (cf. figura 1) surgiu da necessidade de documentar os processos envolvidos na ocorrência de um desvio no seio de um grupo que colocasse em causa a sua legitimidade face a um grupo externo, tendo em conta elementos de comparação relevantes. Para fundamentar este modelo, Marques e colaboradores

(Marques & Páez, 1994; Marques et al., 1998; Marques et al., 2001a) relacionaram as ferramentas da Teoria da Identidade Social (Tajfel & Turner, 1986) e Teoria da Autocategorização (Turner et al., 1987), com as pesquisas realizadas sobre o *Black Sheep Effect* (Marques et al., 2001b; Marques & Páez, 1994; Marques et al., 1988). Na figura seguinte é possível visualizar de forma gráfica o modelo a ser analisado.

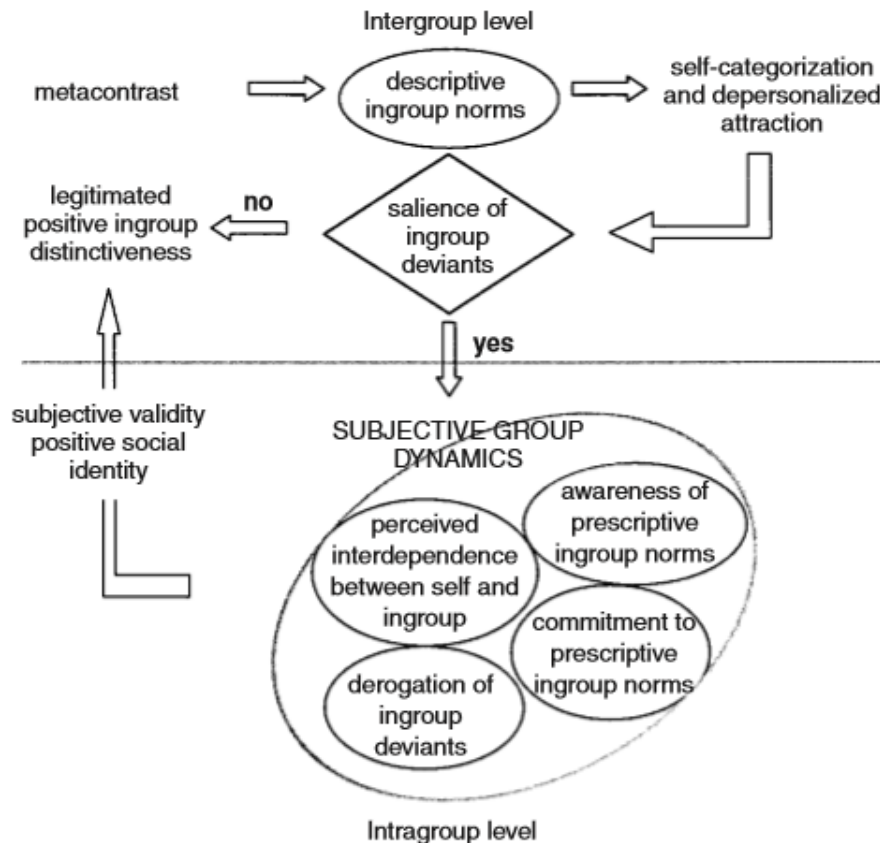


Figura 1. Modelo da Dinâmica de Grupos Subjetiva. Adaptado de J. M. Marques, D. Abrams, D. Páez & M. A. Hogg (2001a, p. 414)

Tendo em conta o modelo, fica claro que o fluxo de acontecimentos inicia no nível intergrupar e caminha para o nível intragrupal caso haja desviantes no endogrupo. A estes processos cognitivos estão associados dois tipos de normas: as normas descritivas, relacionadas com o nível intergrupar, “definem protótipos grupais, diferenciando o endogrupo do exogrupo” (Marques et al., 2001a, p. 410) e as normas prescritivas, relacionadas com o nível intragrupal, funcionam como regulador de categorias dentro do grupo (Marques et al., 2001b). Relativamente às normas descritivas, a diferenciação entre o endogrupo e o exogrupo acontece devido ao princípio do metacontraste que, como já foi descrito, tem como função definir o limite pelo qual um sujeito é catalogado como membro do endogrupo ou do exogrupo (Marques et al., 2001a). Conforme verificado na Teoria da

Autocategorização, após o metacontraste, e conseqüentemente após a ocorrência da prototipicalidade, surge o processo de despersonalização, que gera a saliência das categorias endogrúpicas, levando a que os indivíduos sejam percebidos como elementos com atributos de uma categoria. A partir deste momento, iniciam-se processos relacionados com Teoria da Identidade Social, que postula que a atração de elementos iguais em torno das categorizações e padrões comportamentais definidos pelo grupo “cuja manutenção é essencial para a diferenciação positiva entre grupos” (Marques et al., 1998, p. 139). No entanto, caso haja um desviante saliente que comprometa tal distinção, é acionado o mecanismo da dinâmica de grupos subjetiva, que tem como objetivo a repô-la (Marques et al., 1998).

A dinâmica de grupos subjetiva pode ser entendida como o conjunto de vários elementos, como a interdependência percebida entre o *eu* e o grupo, a consciencialização das normas prescritivas do endogrupo, o compromisso com essas normas e a derrogação dos elementos desviantes. As normas prescritivas, inerentes a este processo, podem ser o resultado do processamento retroativo, que é definido como uma forma de pensamento que ocorre quando o comportamento dos elementos do grupo é contrário ao esperado (Kahneman & Miller, 1986 in Marques et al., 2001a). Na senda de Marques e colaboradores (1988), ao se contrariarem as expectativas normativas e pelo facto de os elementos do grupo serem motivados a realizar um controle subjetivo com o intuito de suportar a legitimidade da distinção grupal face ao exogrupo, o compromisso com as normas prescritivas do grupo estimulam a derrogação dos desviantes.

Após a dinâmica de grupos subjetiva, isto é, superada a concretização dos mecanismos que salientam as normas prescritivas, da consciencialização da interdependência do *eu* com o grupo e da derrogação do desviante, desenrola-se uma validação subjetiva da identidade social positiva do grupo que culmina no objetivo inicial: a legitimidade e distintividade do grupo face ao grupo externo.

Capítulo 4 - Desidentificação Grupal

Num conjunto de grupos a que um indivíduo pode pertencer, o significado psicológico que lhes é atribuído não é semelhante (Cameron, 2004): existem aqueles cuja afiliação pode trazer honra e dignidade, bem como aqueles cuja origem é meramente imposta e pode não trazer qualquer tipo de aspeto positivo ou negativo ao indivíduo. Por outro lado, existem grupos que podem causar insatisfação e descontentamento devido a experiências negativas da sua afiliação (Levin & van Laar, 2006 in Becker & Tausch, 2014).

Uma estratificação grupal muito rígida torna difícil a alienação de pertenças grupais insatisfatórias, desfavorecidas ou estigmatizadas (Tajfel & Turner, 1986). O distanciamento físico é dificultado pela estratificação, e, por isso, os indivíduos usam a estratégia de distanciamento psicológico entre eles e o grupo que pode passar pela mudança social. A desidentificação “é um fenómeno psicológico que ocorre quando indivíduos pertencem a grupos aos quais não desejam pertencer” (Becker & Tausch, 2014, p. 295).

Para terminar, é importante distinguir o conceito de desidentificação do de não identificação. Enquanto que o primeiro envolve a perceção de diferença de identidade entre o *eu* e o grupo, ou seja, envolve um desapego ao grupo (Becker & Tausch, 2014), o segundo refere-se à falta de identificação com um grupo por este não ser central na sua identidade (Ikegami, 2010).

4.1 A hipótese da substitutabilidade

Voltando ao Modelo da Dinâmica de Grupos Subjetiva, de forma sucinta, os elementos de um grupo são motivados a atingir uma identidade social positiva, nem que para isso tenham de a proteger, punindo os elementos que se desviem das normas prescritivas grupais. Contrariamente a esta ideia, Eidelman e Biernat (2003) referem que a derrogação de desviantes do próprio grupo distancia o indivíduo dos seus semelhantes pelo receio que ele tem em ser mal interpretado, isto é, na ótica dos autores, a desidentificação pode ser uma estratégia para a proteção da identidade pessoal.

No estudo que realizaram, Eidelman e Biernat (2003) tentaram perceber a relação entre a proteção social e pessoal, possibilitando como respostas ao comportamento

desviante, a avaliação do desviante ou a desidentificação grupal. Para sustentar esta hipótese recorreram a 64 estudantes de psicologia da Universidade do Kansas que acreditavam na teoria da evolução e que viviam na cidade há mais de cinco anos. Foi-lhes pedido que lessem um artigo publicado por um professor de biologia do Kansas (endogrupo) ou do Colorado (exogrupo) sobre essa teoria. Depois da leitura, metade dos participantes avaliaram, primeiro, o professor e, seguidamente, responderam ao seu nível de identificação com o estado do Kansas. A outra metade realizou o inverso: respondeu primeiro ao seu nível de identificação com o estado do Kansas e, posteriormente, avaliou o professor.

Em face dos resultados, Eidelman e Biernat (2003) mostraram que os participantes descreviam níveis de identificação mais baixos com o estado do Kansas quando realizavam a identificação antes da avaliação do professor do que aqueles que avaliavam o professor antes da identificação. Descobriram igualmente que os participantes puniam mais negativamente o desviante do grupo quando a avaliação antecedia a identificação. Por conseguinte, segundo estes autores, “a derrogação de membros desfavoráveis do grupo pode ser o resultado de uma estratégia de distanciamento pessoal” (p. 608), ou seja, o distanciamento acaba por ser substituto da derrogação no que toca à reação face ao desvio.

Pese embora a evidenciação encontrada, o *Black Sheep Effect* integrado no Modelo da Dinâmica de Grupos Subjetiva não é posto em causa. Pelo contrário, o que os resultados mostram é que, em alguns casos, a derrogação do desviante é explicada de forma mais clara em termos de reações individuais do que em termos de reações grupais (Eidelman & Biernat, 2003 in Cameira & Ribeiro, 2014).

4.2 A desidentificação como um efeito amortecedor do *self*

Para além da hipótese da substitutabilidade, outras ideias surgiram em torno da desidentificação, nomeadamente, a de que este efeito poderia ser um amortecedor do *self*. Na linha de Ellemers, Spears e Doosje (1997), os elementos de um grupo que têm baixos níveis de identificação com o mesmo, demonstram, na melhor das hipóteses, uma indiferença à participação do grupo e, na pior das hipóteses, a estratégia de mobilidade social. Esta, além de ser o caminho mais fácil para a aquisição de um *status* social mais elevado (Wright, Taylor & Moghaddam, 1990 in Jetten, Iyer, Tsivkiros & Young, 2008), é também, sempre que possível, eleita face às estratégias coletivas (Ellemers, Wilke & Van Knippenberg, 1993;

Jackson, Sullivan, Harnish & Hodge, 1996; Wright, Taylor & Moghaddam, 1990 in Cameira & Ribeiro, 2014).

Ante a estas evidências, Cameira e Ribeiro (2014) assumem que, atendendo a que todos estes fenómenos acontecem por via da derrogação do desviante, e tendo em conta que há a possibilidade do indivíduo não poder expressar o seu parecer sobre o desvio em determinado momento, a desidentificação pode desempenhar um papel amortecedor da ameaça, protegendo-o até ocorrer a oportunidade de punir o desvio. Para confirmarem esta hipótese, Cameira e Ribeiro (2014) pediram a 80 estudantes da Universidade do Porto e a 67 alunos do ensino secundário para relatarem a sua identificação com o grupo alvo tendo em conta três momentos. O primeiro na parte inicial da experiência, o segundo após a leitura de uma notícia que continha a manipulação do desvio e o último na parte final do estudo, após metade dos participantes ter recomendado uma ação em relação ao desviante e a outra metade ter respondido a várias perguntas neutras que não envolviam a derrogação do desviante.

Os resultados de ambas as investigações mostraram que os participantes exibiram menores níveis de identificação com o grupo após terem sido expostos ao desvio, e que os participantes mostraram um nível de identificação semelhante ao primeiro após terem dado a sua opinião face ao comportamento desviante. Por outro lado, os sujeitos que responderam ao conjunto de perguntas neutras que não envolviam a derrogação do desviante, mantiveram o nível baixo de identificação no terceiro momento de avaliação. Desta forma, tais resultados vieram dar força à ideia de que a desidentificação serve como um amortecedor do *self* e é abandonada após a possibilidade de punição do desviante. Por fim, Cameira e Ribeiro (2014) mencionaram que tais resultados não eram possíveis se os participantes não se identificassem fortemente com o grupo. Se tal não acontecesse, era provável que os participantes entendessem os elementos da manipulação como pessoas individuais e não como elementos do seu grupo.

4.3 As componentes da desidentificação

Da mesma forma que Cameron (2004) defendeu que era parco medir a identidade social com modelos unidimensionais ou bidimensionais, Becker e Tausch (2014) debruçaram-se sobre a mesma problemática face à desidentificação, argumentando que a

mesma carecia de um entendimento sobre a forma de medição. Isto porque, ao analisarem as investigações sobre o tema, as autoras supracitadas indicam existir quatro abordagens para a medição da desidentificação: escalas unidirecionais, escalas multicomponentes, métodos quantitativos e assunção de que baixos níveis de identificação grupal significavam desidentificação. Sendo defensoras desta última abordagem, sugeriram que a desidentificação se manifesta em três dimensões: desapego, insatisfação e dissemelhança.

O desapego com o endogrupo representa um estado motivacional que varia num *continuum* entre sentimentos de alienação e uma separação ativa do grupo. Segundo Tajfel (1974 in Becker & Tausch, 2014), este conflito pode ocorrer quando a legitimidade superior do grupo fica altamente comprometida e injustificável, fazendo com que os seus elementos se distanciem física ou psicologicamente. A insatisfação relaciona-se com a avaliação negativa da pertença grupal por parte de um elemento do grupo. Esta avaliação é possível dar-se, por exemplo, se um individuo for constantemente discriminado face a outros elementos. Finalmente, a dissemelhança diz respeito à diferença percebida entre o *eu* e os elementos que possuem as características do grupo. Segundo as autoras, tal fenómeno é capaz de se verificar quando indivíduos de grupos com baixo estatuto social conseguem ingressar em grupos com um estatuto social mais elevado.

Nas experiências realizadas para validação do poder preditivo das três componentes de desidentificação, Becker e Tausch (2014) consideraram que, hipoteticamente, “as componentes de desidentificação funcionam bem na previsão de intenções negativas direcionadas ao endogrupo” (p. 315) e que tais componentes avaliavam melhor esses comportamentos negativos do que escalas de identificação.

Perante os factos relatados, as autoras defendem que a realização deste estudo contribuiu de forma importante para a literatura da psicologia social, uma vez que ocasionou a introdução de um modelo multicomponente da desidentificação, permitindo afirmar que escalas de desidentificação funcionam melhor do que escalas de identificação e possibilitou perceber que analisar as três componentes possibilita uma melhor compreensão dos comportamentos negativos dos elementos do grupo.

Capítulo 5 - Desvio endogrupal e desidentificação: análise exploratória do modelo tripartido da identificação social

5.1 Hipóteses

O presente estudo, inspirado na investigação de Cameira e Ribeiro (2014), alicerça-se na ideia, como foi estudado anteriormente, de que os elementos de um grupo se protegem do desvio através da desidentificação e abandonam este comportamento após lhes ser possibilitada a punição do desviante. Através de uma análise exploratória, procurou-se analisar de que forma as três componentes da identidade social estabelecidas por Cameron (2004) se comportam face a três momentos distintos de avaliação da identificação grupal. Por este estudo incluir a derrogação face a um desvio, não se perdeu a oportunidade para confirmar o *Black Sheep Effect*.

Por conseguinte, prevê-se um decréscimo da identificação com o endogrupo entre o primeiro e o segundo momento de avaliação, devido à apresentação do desvio [H1]. De imediato, esperam-se dois resultados, consoante as condições: a) os participantes solicitados a recomendar uma ação punitiva ao desviante irão restabelecer os níveis de identificação com o endogrupo no terceiro momento de avaliação [H2] e b) os participantes que não foram solicitados a recomendar uma ação punitiva ao desviante irão manter os baixos níveis de identificação com o endogrupo no terceiro momento de avaliação [H3]. Porém, esperam-se diferentes padrões de resultados para aqueles que avaliam elementos do exogrupo [H4]. A confirmação destas hipóteses aproximar-se-á dos resultados encontrados nas investigações de Cameira e Ribeiro (2014), sustentando a ideia de que a desidentificação funciona como amortecedor protetor do *self*.

Relativamente às componentes da identidade social propostas por Cameron (2004), uma vez que a centralidade se quantifica pelo quão central é o grupo na mente do indivíduo, aguarda-se que esta decresça ao longo dos três momentos de avaliação da identificação para todos os participantes do estudo que avaliam elementos do endogrupo [H5]. Isto significa que o indivíduo, para se proteger do desvio, irá reprimir o sentimento da pertença grupal. No referente aos laços com o grupo, prevê-se que estes aumentem significativamente após a apresentação do desviante [H6] e que sejam restabelecidos depois de ser possibilitada a recomendação da ação punitiva [H7]. Para os indivíduos a quem não é facultada a

possibilidade de reação, acredita-se que os laços com o grupo se mantenham altos [H8]. De forma especulatória, estas três últimas hipóteses assentam na ideia da DGS: quando a legitimidade do grupo é comprometida, os seus elementos unem-se para a restabelecer. Relativamente ao nível afetivo, de forma similar aos níveis de identificação, crê-se que estes diminuam após a apresentação do desviante [H9] e sejam restabelecidos depois da punição do mesmo [H10] derivado ao facto de identidades sociais negativas motivarem o alcance de um resultado positivo. Para aqueles que não têm a possibilidade de exprimir a sua opinião face ao desvio, prevê-se que os níveis de afeto se mantenham baixos [H10]. Apesar de todas estas conjeturas, almejam-se diferentes padrões para aqueles que avaliam elementos do exogrupo [H11].

Por último, mas não menos importante, no que diz respeito ao *Black Sheep Effect*, e de acordo com o exposto no subcapítulo deste tema, espera-se que os participantes que avaliem elementos desviantes do endogrupo sejam mais severos na sua avaliação do que aqueles que avaliem elementos desviantes do exogrupo [H12].

5.2 Método

5.2.1 Participantes

Participaram no estudo, de forma voluntária, 143 sujeitos, dos quais 74 são do sexo masculino e 73 são do sexo feminino, com idades compreendidas entre os 16 e os 19 anos de idade ($M = 17.27$; $DP = .492$), sendo 73 pertencentes à Escola Secundária de Penafiel e 74 à Escola Secundária de Paredes. Destes, três foram automaticamente excluídos do estudo por não terem respondido corretamente às verificações de manipulação e outros dois, considerados *outliers*, foram também removidos por apresentarem, para a identificação, valores estandardizados que se afastavam um desvio-padrão da média. A razão da escolha destas duas instituições escolares deveu-se à competitividade cultural historicamente marcada, o que poderá reforçar a identidade grupal.

5.2.2 Plano Experimental

O plano experimental utilizado neste estudo (tabela 1) foi um 2 x 2 (x3) (*Grupo Alvo* [Ingroup vs. Outgroup] x *Possibilidade de Reação* [Possibilitada vs. Impossibilitada] x *Componentes da Identificação Grupal* [Pré-desvio vs. Pós-desvio vs. Pós-reação]), sendo os fatores *Grupo Alvo* e *Possibilidade de Reação* inter-participantes e as *Componentes da Identificação Grupal* fator intra-participantes. Apesar da existência de uma variável *Escola* (Escola Secundária de Paredes vs. Escola Secundária de Penafiel), esta não se incluiu no plano experimental por não serem esperadas quaisquer diferenças nos resultados. Nenhum dos participantes saberá da realização do mesmo estudo na outra instituição, sendo possível, desta forma, analisar os resultados de ambas as escolas, conjuntamente.

	ESParedes		ESPenafiel	
	<i>Ingroup</i>	<i>Outgroup</i>	<i>Ingroup</i>	<i>Outgroup</i>
Reação possibilitada	20	20	20	20
Reação impossibilitada	20	20	20	20

Tabela 1. Plano Experimental

5.2.3 Procedimento de Recolha de Dados

Tendo sido definida a população alvo, e após resposta positiva da Escola Secundária de Paredes e da Escola Secundária de Penafiel para a colaboração nesta investigação, foi realizado um requerimento à Direção Geral de Educação, através de um portal *online* destinado a investigações em meio escolar, para a devida autorização de recolha de dados em ambas as escolas. Deferida a autorização pela Direção Geral de Educação, avançou-se com um novo contacto com ambas as instituições escolares, e por intermédio dos dois diretores, conseguiu-se acesso a três turmas de 12º ano na Escola Secundária de Penafiel e a quatro turmas de 12º ano na Escola Secundária de Paredes.

A recolha de dados efetuou-se no mês de março de 2019 em ambas as escolas, através de um questionário, promovido e desenvolvido, ficticiamente, pelo Instituto Português de Desporto Escolar em colaboração com a Faculdade de Psicologia e Ciências de Educação da Universidade do Porto. Aquando da recolha de dados, e antes do preenchimento do

questionário por parte dos participantes, foi-lhes explicado que o objetivo da investigação seria recolher impressões, opiniões e reações sobre um tema que cada vez ganha mais adeptos no seio de jovens adolescentes: o desporto escolar e competições interescolares. Foi também clarificado que a participação na investigação era completamente voluntária, anónima e confidencial não existindo respostas certas ou erradas no preenchimento do questionário. Após realização do *briefing* foi entregue aos participantes um consentimento informado para lerem e assinarem.

Concluído o preenchimento do questionário, a recolha de dados terminou com um breve *debriefing*, agradecendo a todos os participantes pela colaboração na realização da dissertação de mestrado, bem como pela colaboração na construção de conhecimento científico. O *debriefing* serviu também para esclarecer os reais objetivos da investigação, revelando que a notícia que tinham acabado de ler não era verdadeira. Depois de esclarecidas algumas dúvidas colocadas pelos participantes, deu-se este processo como terminado.

5.2.4 Questionário

O questionário (cf. anexo 1, 2, 3 e 4) começa com uma breve apresentação do estudo, reforçando alguns aspetos já mencionados no *briefing* e consentimento informado. A secção seguinte destina-se à recolha de dados sociodemográficos, que em nada comprometem o anonimato e confidencialidade dos participantes, seguido de um conjunto de quatro questões relativas à identificação de cada participante com a escola a que pertencem (momento pré-desvio de avaliação da identificação grupal). De seguida, os participantes foram expostos ao desvio, através de uma notícia fictícia de um jornal local. Foram apresentadas duas notícias diferentes sobre uma final da taça de ténis de mesa entre a Escola Secundária de Paredes e Escola Secundária de Penafiel. Numa das notícias, os adeptos da Escola Secundária de Paredes cometem atos de vandalismo no autocarro da equipa adversária levando à desqualificação do seu atleta que estaria a ganhar. Na outra, acontece o inverso: os adeptos da Escola Secundária de Penafiel cometem atos de vandalismo no autocarro da equipa adversária levando à desqualificação do seu atleta que estaria a ganhar. Ao manipular-se estas duas notícias, introduziu-se o fator *Grupo Alvo* (*Ingroup* vs. *Outgroup*) aos participantes. Depois de lerem a notícia fictícia, os participantes responderam ao segundo conjunto de quatro questões relativas à identificação de cada participante com a escola a que pertencem (momento pós-desvio de avaliação da identificação grupal) e é na fase seguinte

que é inserido fator *Possibilidade de Reação* (Possibilitada vs. Impossibilitada). Enquanto que a metade dos participantes foi apresentada uma escala de punição, à outra metade foi apresentado um conjunto de questões sobre desporto escolar que, supostamente, não afetaria os resultados posteriores da identificação. Para finalizar o questionário, os participantes responderam ao terceiro conjunto de quatro questões relativas à identificação de cada participante com a escola a que pertencem (momento pós-reação de avaliação da identificação grupal). Entre a recolha dos dados demográficos e a primeira avaliação da identificação endogrupal, entre notícia fictícia e o segundo momento de avaliação da identificação endogrupal, existe um conjunto de questões, designadas de *perguntas controlo*, para verificar se os participantes responderam ao questionário nas condições esperadas, (e.g. Se algum sujeito já tiver participado em ténis de mesa em contexto de Desporto Escolar, é provável que vá desconfiar da notícia fictícia e não responder de forma genuína), ou se leram a notícia e a entenderam da forma pretendida (verificação da manipulação).

5.2.5 Escalas de Medidas Dependentes

Para a Identificação Grupal, recorreu-se ao modelo tripartido da identidade social construído por Cameron (2004), que se propõe medi-la utilizando três dimensões: a centralidade, o afeto endogrupal e os laços endogrupais. Numa escala de 7 pontos (1=*Discordo Totalmente*, 7=*Concordo Totalmente*), os participantes deveriam registar o seu grau de concordância face às afirmações. Apesar da proposta inicial de Cameron conter 18 itens, decidiu-se utilizar apenas os 12 que se mostraram consistentes durante os cinco estudos realizados pelo autor.

De forma a distribuir os quatro itens das três dimensões pelos três momentos de avaliação, houve a necessidade de colocar dois itens da mesma dimensão sequencialmente num dado momento de avaliação. Assim, o momento pré-desvio conta com dois itens dos laços endogrupais, o momento pós-desvio conta com dois itens da centralidade e o momento pós-reação conta com dois itens dos laços endogrupais. Nos restantes casos, cada dimensão é medida apenas por um item em cada momento.

Durante a recolha de dados não foi utilizado qualquer tipo de contrabalanceamento de itens, pelo facto de estudos anteriores terem demonstrado que tal técnica não produzia efeitos significativos. Deste modo, todos os participantes tiveram os itens da escala de identificação grupal dispostos da mesma forma.

5.3 Resultados

5.3.1 Análises preliminares

A consistência interna da escala da identificação grupal foi razoável, com um valor de $\alpha = .70$. Este valor podia ser aumentado com a eliminação do item “Às vezes penso sobre o facto de ser aluno da escola x” e do item “O facto de ser aluno da escola x passa pela minha cabeça” para o valor $\alpha = .73$ e $\alpha = .72$, respetivamente. Porém, decidiu-se que não se eliminariam, uma vez que, desta forma, ficar-se-ia sem a dimensão centralidade num dos momentos de avaliação.

5.3.2 Identificação Grupal

Por se estar a trabalhar com um pressuposto de identificação grupal, na análise não foram considerados os participantes que, no primeiro momento de avaliação, apresentaram valores de identificação inferior a 4.5. Assim, passou-se a contar apenas com 106 participantes, que exibiram um grau de identificação pelo menos moderado, sendo a distribuição dos mesmos equivalente pelas condições *Grupo Alvo* e *Possibilidade de Reação* ($X^2(1) \leq 001, p = .990$).

De forma a averiguar a existência de diferenças estatisticamente significativas entre os três momentos de avaliação da *Identificação Grupal*¹, tendo em conta o *Grupo Alvo* e a *Possibilidade de Reação*, realizou-se uma ANOVA Mista com os três momentos de avaliação da *Identificação Grupal* como fator intra-sujeitos e as variáveis *Grupo-Alvo*, *Possibilidade de Reação* como fatores inter-sujeitos. Como o estudo foi realizado em duas escolas distintas, para se averiguar se há a possibilidade de trabalhar os dados de forma conjunta, inseriu-se num primeiro teste também a variável *Escola* como fator inter-sujeito. Verificou-se que todos os efeitos envolvendo a variável *Escola* não possuíam significância estatística, pelo que foi possível descartar esta variável da análise principal.

O pressuposto da esfericidade foi assumido através do teste de Esfericidade de Mauchley ($W(2) = 0.98, X^2 = 1.72, p = .422$), pelo que não foi necessário proceder a qualquer correção. Existe um efeito principal dos *Momentos de Avaliação* ($F(2, 204) = 30.21, p \leq$

¹ Também designado “*Momentos de Avaliação*” ao longo da análise.

.001; $\eta^2 = .23$). A análise mostrou a inexistência de uma interação completa *Momentos de Avaliação x Possibilidade de Reação x Grupo Alvo* ($F(2,204) = 1.03$), contrariamente àquilo que era esperado. A inexistência de efeito significativo *Momentos de Avaliação x Possibilidade de Reação* ($F(2,204) = .99$) foi igualmente um resultado que não era expectável. Todavia, o efeito de interação para os *Momentos de Avaliação x Grupo Alvo* revelou-se marginalmente significativa ($F(2,204) = 2.77$ $p = .065$; $\eta^2 = .07$).

O efeito significativo de *Momentos de Avaliação* mostrou existirem diferenças significativas ($p \leq .001$) entre o momento pré-desvio ($M = 5.27$, $DP = .08$) e o momento pós-desvio ($M = 4.77$, $DP = .08$) e entre o momento pós-desvio e o momento pós-reação ($M = 5.29$, $DP = .07$). A diferença entre o momento pré-desvio e o momento pós-reação não é significativa. Desta forma, existiu um decréscimo da identificação grupal do momento pré-desvio para o pós-desvio e um restabelecimento da mesma para o momento pós-reação.

Relativamente à interação marginalmente significativa *Momentos de Avaliação x Grupo Alvo*, esta foi decomposta separando a ANOVA Mista dos três momentos de avaliação por *Grupo Alvo*. Verificou-se um efeito significativo dos *Momentos de Avaliação* quer para o *ingroup* ($F(2,100) = 12.80$, $p \leq .001$, $\eta^2 = .20$), quer para o *outgroup* ($F(2,108) = 21.73$, $p \leq .001$, $\eta^2 = .29$). Nas comparações dois a dois do *ingroup*, constatou-se a existência de diferenças estatisticamente significativas ($p \leq .001$) entre o momento de pré-desvio ($M = 5.43$, $DP = .07$) e de pós-desvio ($M = 4.85$, $DP = .14$) e entre o momento de pós-desvio e de pós reação ($M = 5.27$, $DP = .11$). Nas comparações dois a dois do *outgroup*, existem diferenças estatisticamente significativas ($p \leq .001$, $p \leq .001$ e $p = .035$, respetivamente) entre o momento de pré-desvio ($M = 5.12$, $DP = .07$) e pós-desvio ($M = 4.70$, $DP = .10$), entre o momento de pós-desvio e pós-reação ($M = 5.32$, $DP = .10$) e entre o momento de pré-desvio e pós-reação. Tanto no *ingroup* como no *outgroup*, a identificação grupal diminuiu do momento pré-desvio para o pós-desvio e foi restabelecida no *ingroup* e reforçada no *outgroup* no momento pós-reação (cf. gráfico 1).

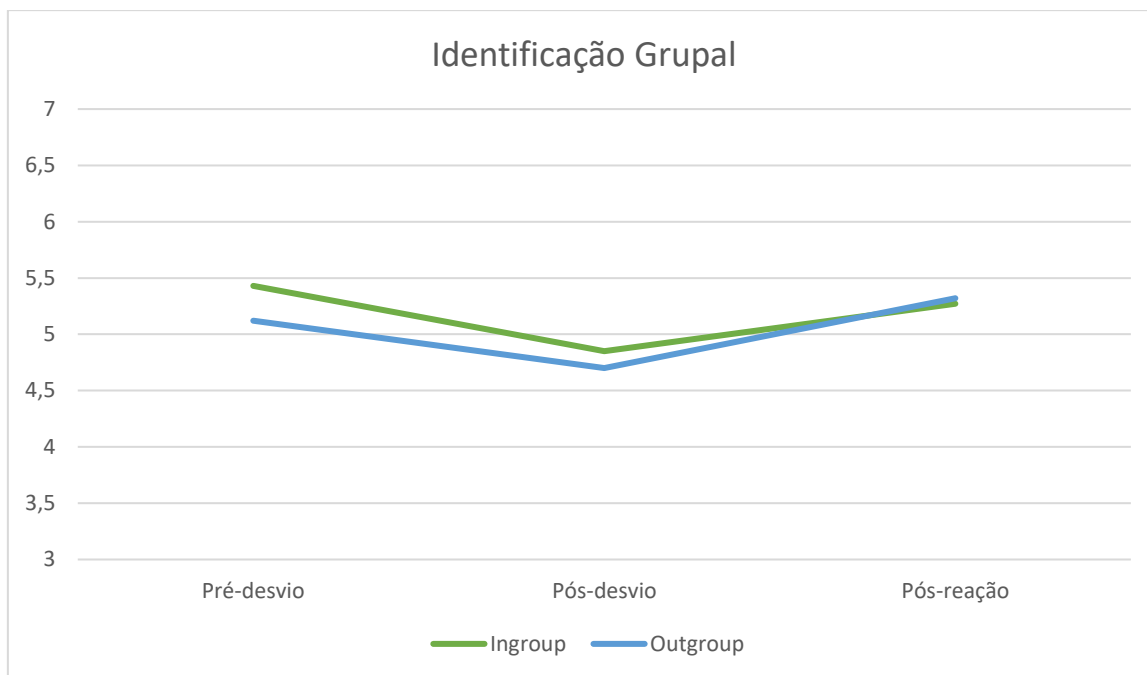


Gráfico 1. Identificação grupal nos três momentos de avaliação em função do grupo alvo (ingroup vs. outgroup)

5.3.3 Modelo tripartido da identidade social

Recorreu-se ao teste ANOVA Mista para analisar de que forma as três dimensões propostas por Cameron (centralidade, laços e afeto) se comportavam durante os três Momentos de Avaliação da *Identificação Grupal*, tendo em conta o *Grupo Alvo* e a *Possibilidade de Reação*. Durante todas as análises realizadas com recurso a este teste, a menos que se faça referência, a esfericidade foi sempre assumida, pelo que não se procedeu a nenhuma correção. Em nenhum dos casos, qualquer efeito envolvendo a variável *Escola* possuía significância estatística, pelo que descartámos esta variável das análises principais.

5.3.3.1 Centralidade

Como a escala de Centralidade possui dois itens no momento pós-reação e um item nos restantes momentos, não foi realizado nenhum teste de consistência interna. Ao invés disso, procedeu-se a um teste de correlação de Pearson para averiguar o nível de correlação dos dois itens presentes no mesmo momento, que se mostrou significativo ($r = .35, p \leq .001$), pelo que se agregaram num só.

Na ANOVA Mista, verificou-se a existência de efeito principal nos *Momentos de Avaliação* ($F(2,204) = 29.36, p \leq .001, \eta^2 = .22$), a existência de interação significativa *Momentos de Avaliação* x *Grupo Alvo* ($F(2,204) = 3.43, p = .034, \eta^2 = .03$) e também a

existência de uma interação completa significativa de *Momentos de Avaliação* x *Grupo Alvo* x *Possibilidade de Reação* ($F(2,204) = 3.65, p = .028, \eta^2 = .03$). A interação *Momentos de Avaliação* x *Possibilidade de Reação* não se mostrou relevante ($F(2,204) = .19$).

O efeito significativo dos *Momentos de Avaliação* mostrou existirem diferenças significativas ($p \leq .001, p = .043$ e $p \leq .001$ respectivamente) entre o momento pré-desvio ($M = 4.96, DP = .09$) e o momento pós-desvio ($M = 3.96, DP = .15$) e entre o momento pós-desvio e o momento pós-reação ($M = 3.63, DP = .16$) e entre o momento pós-desvio e pré-reação. Existiu um decréscimo significativo do nível de centralidade entre os três momentos.

Quanto à interação completa significativa de *Momentos de Avaliação* x *Grupo Alvo* x *Possibilidade de Reação*: no *ingroup*, verifica-se efeito principal dos *Momentos de Avaliação* tanto na reação possibilitada ($F(2,50) = 10.64, p \leq .001, \eta^2 = .30$), como na reação impossibilitada ($F(2,48) = 11.94, p \leq .001, \eta^2 = .33$); no *outgroup*, verifica-se efeito principal dos *Momentos de Avaliação* tanto na reação possibilitada ($F(2,54) = 7.73, p = .001, \eta^2 = .22$), como na reação impossibilitada ($F(2,52) = 4.39, p = .017, \eta^2 = .14$).

Nas comparações dois a dois do *ingroup* com reação possibilitada, existem diferenças estatisticamente significativas entre o momento pré-desvio ($M = 5.46, DP = .20$) e pós-desvio ($M = 4.50, DP = .39, p = .049$), entre o momento pós-desvio e pós-reação ($M = 3.53, DP = .36, p = .006$) e entre o momento pós-reação e pré-desvio ($p \leq .001$). Nas comparações dois a dois do *outgroup* com reação impossibilitada, existem diferenças estatisticamente significativas entre o momento pré-desvio ($M = 5.16, DP = .17$) e pós-desvio ($M = 3.70, DP = .32, p \leq .001$) e o momento pré-desvio e pós-reação ($M = 3.48, DP = .32, p \leq .001$). Por outras palavras, quando se fala de avaliação de membros desviantes do endogrupo, a centralidade decresce ao longo de todos os momentos de avaliação para aqueles que têm a possibilidade de reação e decresce entre o primeiro e o segundo momento de avaliação para aqueles que não têm possibilidade de reação (cf. gráfico 2).

Relativamente às comparações dois a dois do *outgroup* com reação possibilitada, existem diferenças estatisticamente significativas entre o momento pré-desvio ($M = 4.85, DP = .18$) e pós-desvio ($M = 3.64, DP = .20, p \leq .001$) e entre o momento pré-desvio e pós-reação ($M = 4.14, DP = .27, p = .03$). Nas comparações dois a dois sem possibilidade de reação, existem diferenças estatisticamente significativas entre o momento pré-desvio ($M = 4.37, DP = .17$) e o momento pós-reação ($M = 3.37, DP = .32, p = .009$). A centralidade tanto para aqueles que têm possibilidade de reação como para os que não têm decresce entre o

primeiro e o segundo momento, sendo que a centralidade apenas é restabelecida para aqueles que têm a possibilidade de reação no terceiro momento de avaliação (cf. gráfico 3).

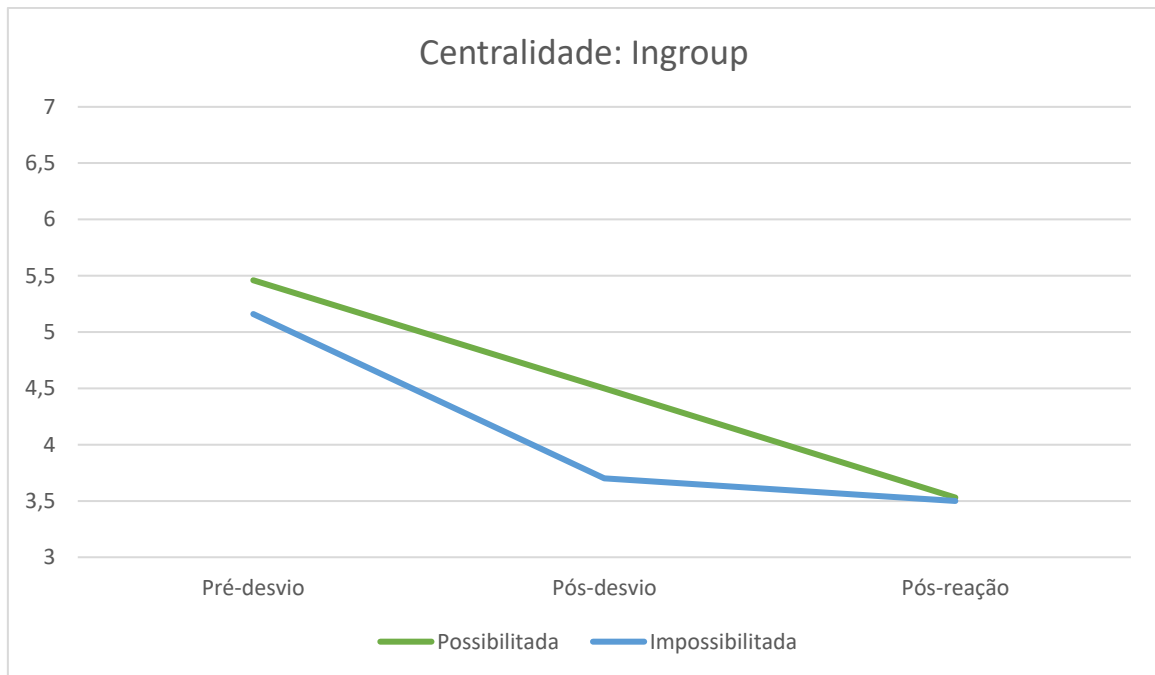


Gráfico 2. Centralidade nos três momentos de avaliação para o ingroup em função da possibilidade de reação (Possibilitada vs. Impossibilitada)

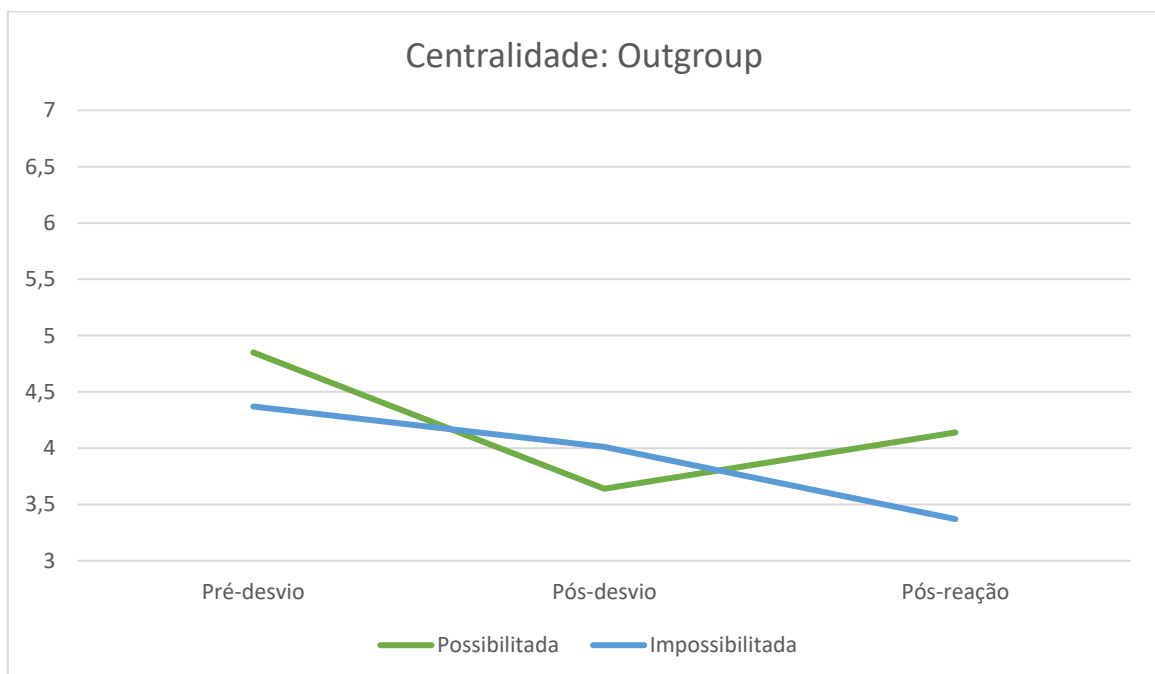


Gráfico 3. Centralidade nos três momentos de avaliação para o outgroup em função da possibilidade de reação (Possibilitada vs. Impossibilitada)

5.3.3.2 Laços

Como a escala de Laços possui dois itens no momento pré-desvio e um item nos restantes momentos, não se realizou nenhum teste de consistência interna. Ao invés disso, procedeu-se a um teste de correlação de Pearson para averiguar o nível de correlação dos dois itens presentes no mesmo momento, que se mostrou significativo ($r = .24, p = .013$).

Na ANOVA Mista, verificou-se a existência de efeito principal de *Momentos de Avaliação* ($F(2,204) = 8.26, p \leq .001, \eta^2 = .08$) e efeito significativo na interação *Momentos de Avaliação x Possibilidade de Reação* ($F(2,204) = 5.39, p = .005, \eta^2 = .05$). A interação *Momentos de Avaliação x Grupo Alvo* ($F(2,204) = .859$) e a interação completa *Momentos de Avaliação x Grupo Alvo x Possibilidade de Reação* ($F(2,204) = 1.28$) não se mostraram significativas.

Em relação ao efeito principal significativo dos *Momentos de Avaliação*, as análises estatísticas demonstraram a existência de diferenças estatisticamente significativas entre o momento pós-desvio ($M = 6.27, DP = .10$) e o momento pós-reação ($M = 5.99, DP = .08, p = .001$) e entre o momento pós-reação e pré-desvio ($M = 6.28, DP = .07, p \leq .001$). Os afetos mantiveram-se inalterados aquando da demonstração do desviante, porém, decresceram significativamente no último momento do estudo.

Na decomposição da interação *Momentos de Avaliação x Possibilidade de Reação*, verifica-se que o efeito principal de *Momentos de Avaliação* não é significativo na possibilidade de reação ($F(2,106) = .722$) e verifica-se efeito principal de *Momentos de Avaliação* significativo na impossibilidade de reação ($F(2,102) = 16.93, p \leq .001, \eta^2 = .25$). As comparações dois a dois da reação impossibilitada mostram-nos a existência de diferenças estatisticamente significativas entre o pós-desvio ($M = 6.36, DP = .11$) e a pós-reação ($M = 5.81, DP = .10, p \leq .001$) e o momento pós-reação e o pré-desvio ($M = 6.25, DP = .09, p \leq .001$). Neste caso, os laços com o grupo aumentam quando o desviante é apresentado e decrescem abruptamente quando não é dada a possibilidade ao grupo de o punir (cf. gráfico 4).

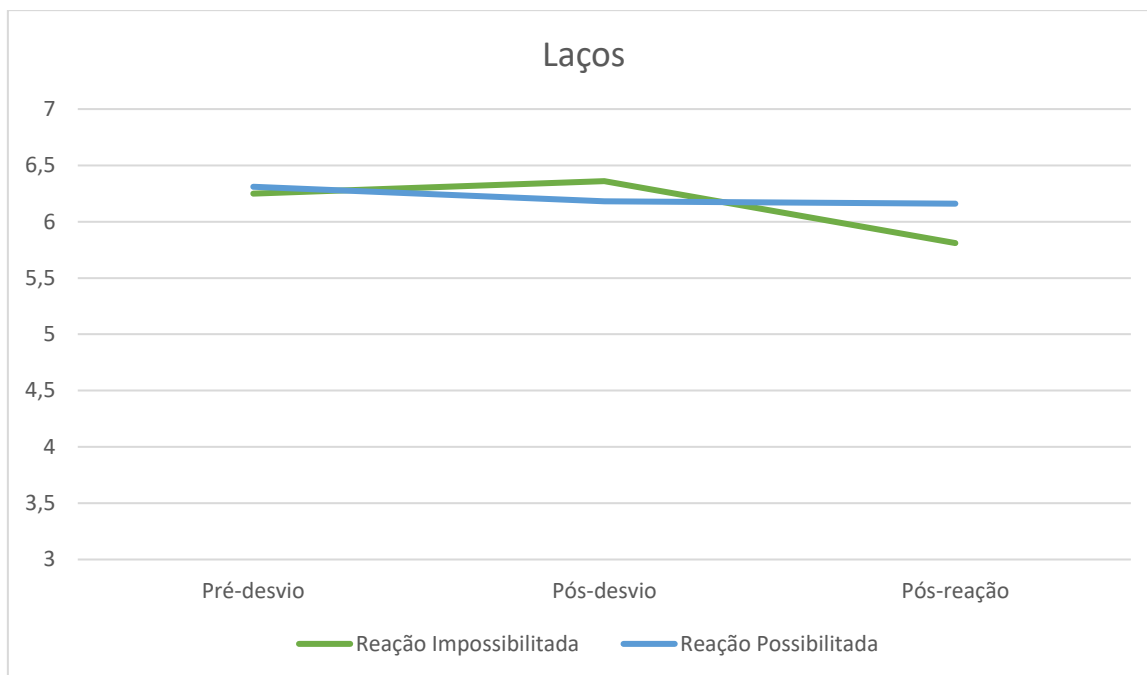


Gráfico 4. Laços nos três momentos de avaliação em função da possibilidade de reação (Possibilitada vs. Impossibilitada)

5.3.3.3 Afetos

Como a escala de Afetos possui dois itens no momento pós-reação e um item nos restantes momentos, não se realizou nenhum teste de consistência interna. Ao invés disso, procedeu-se a um teste de correlação de Pearson para averiguar o nível de correlação dos dois itens presentes no mesmo momento, que se mostrou significativo ($r = .18$; $p = .050$).

Na análise da componente Afetos, o teste da Esfericidade de Mauchly mostrou-se significativo ($W(2) = 0.90$, $X^2 = 11.05$, $p = .004$), pelo que se procedeu à correção de Greenhouse-Geisser nas análises seguintes. Na ANOVA Mista, verifica-se a existência de efeito principal nos *Momentos de Avaliação* ($F(1.81, 184.84) = 11.65$, $p \leq .001$, $\eta^2 = .10$). A interação *Momentos de Avaliação x Grupo Alvo* ($F(1.81, 184.84) = 1.670$) mostrou-se não significativa, bem como a interação *Momentos de Avaliação x Possibilidade de Reação* ($F(1.81, 184.84) = .067$) e a interação completa *Momentos de Avaliação x Grupo Alvo x Possibilidade de Reação* ($F(1.81, 184.84) = 1.404$).

O efeito principal significativo dos *Momentos de Avaliação* mostra a existência de diferenças estaticamente significativas entre todos os momentos de avaliação: entre o momento pré-desvio ($M = 5.32$, $DP = .09$) e pós-desvio ($M = 4.89$, $DP = .13$, $p = .001$); entre o momento pós-desvio e pós-reação ($M = 5.56$, $DP = .14$, $p \leq .001$); e entre o momento pré-

desvio e pós reação ($p = .063$). Desta forma, assim como nas análises da identificação social, os afetos comportam-se da mesma maneira. Existe um decréscimo do afeto entre o primeiro e o segundo momento e existe um restabelecimento e reforço entre o segundo e o terceiro momento de avaliação.

5.3.4 Black Sheep Effect

Aproveitando a questão que possibilita a derrogação dos desviantes, recorreu-se ao teste de Mann-Whitney para perceber se existiam diferenças estatisticamente significativas entre a avaliação do desviando pertencente ao endogrupo e a avaliação do desviante do exogrupo. A utilização do teste Mann-Whitney deveu-se ao facto da escala utilizada para a punição dos desviantes ser do tipo ordinal. Nesta análise fez-se uma separação por escola para melhor interpretação dos resultados.

Tendo em conta o teste realizado, verificou-se a inexistência de diferenças estatisticamente significativas tanto para os alunos da Escola Secundária de Penafiel ($X^2_{(2)} = 65.5, p = .681$) como para os alunos da Escola Secundária de Paredes ($X^2_{(2)} = 78, p = .134$). Todos os participantes com possibilidade de derrogação avaliaram de forma igual tanto o elemento desviante do endogrupo como o elemento desviante do exogrupo.

Por fim, destaca-se ainda o resultado da punição dos desviantes tanto do endogrupo como do exogrupo ($M = 3.5; DP = 1.11$), querendo dizer que a gama de resultados se encontra no item “*Exigir um pedido de desculpas formal e oral, a todos os alunos da escola.*”.

5.4 Discussão

O atual estudo apresenta dois padrões de resposta distintos: um para a identificação grupal e outro para as componentes da identidade social, sendo que, de uma maneira geral, os resultados seguiram os padrões inicialmente propostos. Não obstante, obtiveram-se dados interessantes no estudo exploratório das componentes da identidade social.

No que concerne ao primeiro conjunto de hipóteses relativas à identidade grupal e à desidentificação grupal, tal como demonstrado no estudo de Cameira e Ribeiro (2014), esperava-se um efeito de desidentificação grupal após a apresentação dos desviantes do endogrupo, bem como o restabelecimento da sua identidade social após a possibilidade de punição. Para os que não tiveram a oportunidade de reagir ao comportamento dos desviantes, esperava-se que a identidade social permanecesse baixa aquando da medição no terceiro momento. Os resultados desta investigação mostraram, como esperado, a desidentificação com o grupo entre o primeiro e o segundo momento de avaliação da identidade social, e o restabelecimento dessa identificação entre o segundo e o terceiro momento. Desta forma, como previsto, pode-se concluir que os elementos do grupo se protegeram do desvio através da desidentificação grupal e abandonaram este comportamento após lhes ser dada a possibilidade de punir o desviante (Cameira & Ribeiro, 2014). Contrariamente ao esperado, os resultados mostraram, também, que o restabelecimento da identificação grupal aconteceu tanto para aqueles que tinham a possibilidade de punição como para aqueles que não a tinham. Ou seja, as questões utilizadas sobre o desporto escolar afetaram os resultados da desidentificação com o grupo. Uma vez que tais questões foram direcionadas, na sua maioria, às condições do desporto escolar na instituição de ensino, os participantes, possivelmente, opinaram julgando e responsabilizando a instituição pelo desvio ocorrido, restabelecendo, assim, a sua identificação com o grupo. Relativamente aos que avaliaram elementos do exogrupo, apesar de não ser este o foco do estudo, e tendo em conta a [H4], esperava-se um padrão dissemelhante daqueles que avaliaram os elementos do endogrupo. Contudo, Marques e colaboradores (2001b) asseveram que os desviantes do grupo externo contribuem para a distintividade do grupo de forma positiva, reduzindo o ajuste com a categoria superordinada. Neste pressuposto, seria de esperar que a apresentação do desvio dos elementos do grupo externo aumentasse a identificação grupal. No entanto, neste caso, a identificação social assumiu o mesmo padrão há pouco estudado.

Relativamente ao *Black Sheep Effect*, Marques e colaboradores (1998) afirmam que este fenómeno se deve à emergência simultânea de um *ingroup bias* e de um *outgroup bias*, em que o julgamento de elementos indesejáveis do endogrupo produz avaliações mais negativas do que o julgamento de elementos indesejáveis do exogrupo, e o julgamento de elementos desejáveis do endogrupo produz avaliações mais positivas do que o julgamento de elementos desejáveis do exogrupo. Porém, contrariamente ao expectável, verificou-se que os elementos indesejáveis do endogrupo foram avaliados da mesma maneira que os elementos indesejáveis do grupo externo. Estes resultados parecem semelhantes aos encontrados por Marques e colaboradores (1998), que demonstraram que quando normas não descritivas são avaliadas, os julgamentos de membros desviantes do endogrupo e do exogrupo são iguais. Marques (1990) já havia documentado este padrão de resultados ao indicar que quando uma norma irrelevante para o grupo é posta em causa, os desviantes do endogrupo são melhor avaliados do que os do exogrupo. No decurso desta ilação, depreende-se que o contexto de desvio utilizado nesta experiência não foi considerado relevante para os participantes em questão, ou seja, a norma posta em causa não tinha um carácter suficientemente prescritivo. Esta conceção pode também explicar a desidentificação dos participantes que avaliaram o exogrupo. Ao ser introduzida a questão desportiva na experiência, inconscientemente inseriu-se um subgrupo sendo possível que nem todos os participantes do grupo a ele pertencessem. Ou seja, é provável que nem todos os alunos das instituições escolares se identificassem com a componente desportiva. Outro argumento para reforçar a ideia de que o desvio apresentado não era suficientemente relevante para os participantes, é o facto da avaliação dos desviantes ter sido, em média, 3.5. Quer isto dizer que o desvio apresentado é, em certa medida, desculpável e que os participantes apenas *Exigiam um pedido de desculpas formal e oral, a todos os alunos da escola*. De acordo com a Dinâmica de Grupos Subjetiva (Marques et al., 1998), a saliência dos desviantes do grupo não foi suficientemente forte para que os participantes os punissem com o objetivo de validação subjetiva da identidade social positiva e de legitimar uma distintividade positiva face ao exogrupo. Outra justificação para este acontecimento reside no estatuto que é atribuído a ambos os grupos, podendo existir uma clara distinção de superioridade e de inferioridade entre eles. Verificando-se isso, pode estar implícito um sistema social latente no qual nem os grupos “inferiores”, nem os “superiores” manifestarão muito etnocentrismo” (Tajfel & Turner, 1986, p. 45), existindo a percepção de não rivalidade entre ambos os grupos.

Passando à parcela exploratória desta investigação, ou seja, ao padrão encontrado nas componentes da identidade social propostas por Cameron (2014), verifica-se a inexistência de literatura relacionada com o comportamento destas componentes tendo em conta vários momentos de avaliação protagonizada pela apresentação de um desviante e de uma possibilidade de o derrogar. Por conseguinte, a argumentação sobre o comportamento destas componentes é realizada de forma especulatória, apoiada nos contributos de toda a literatura até então apresentada. Não obstante, num estudo realizado por Obst, White, Mavor e Baker (2011), foi possível perceber alguns comportamentos destas componentes em relações intergrupais, ao revelarem que a centralidade era um bom preditor de favoritismo endogrupal e de derrogação exogrupal e que os afetos grupais, pelo contrário, eram maus preditores da derrogação do exogrupo.

Quanto aos resultados da presente investigação, as hipóteses relativas ao comportamento da centralidade confirmaram-se, tendo esta diminuído de forma significativa ao longo dos três momentos de avaliação para aqueles que avaliaram elementos desviantes do seu grupo. Da mesma forma que o indivíduo se desidentifica com o grupo para se proteger do desvio, o mesmo parece acontecer com a centralidade. O indivíduo reprime o pensamento de pertença grupal como reação ao desvio, até para aqueles que possuem a possibilidade de derrogar.

Sustentados na DGS (Marques et al., 1998), considerando que esta pressupõe que o comprometimento da legitimidade do grupo, devido à saliência de um desviante, gera a coesão grupal para o seu restabelecimento, previa-se que o nível de laços como grupo aumentasse após a apresentação do desviante e que, posteriormente, assumisse um padrão diferente tendo em conta a *Condição* [possibilitada vs. impossibilitada] a que os participantes estivessem sujeitos: se tivessem a possibilidade de punição, restabeleceriam os laços com o grupo; se não a tivessem os laços continuariam elevados. No entanto, verificaram-se apenas diferenças para aqueles que não tiveram a possibilidade de derrogar o desviante, onde o nível de laços com o grupo diminuiu após a apresentação da escala neutra de resposta. Atentando ao já clarificado, esta escala “neutra” pode ter servido para culpabilizar as instituições e restabelecer os laços com o grupo.

Finalmente, ambicionava-se, na componente afetiva, um padrão de comportamentos idêntico ao proposto para a identificação, atendendo a que, segundo Cameron (2004), a qualidade emocional da participação grupal “postula que uma identidade social negativa (...)

motivará tentativas de alcançar um resultado mais positivo” (p. 242). Isto é, esperava-se um decréscimo do nível afetivo após a apresentação do desviante e um restabelecimento dessa afetividade após a punição do mesmo. Para os impossibilitados de reagir face ao desvio, aguardava-se que o nível de afetividade permanecesse baixo. As suposições face a esta componente confirmaram-se, exceto para aqueles que foram impossibilitados de reagir face ao desvio. Desta forma, conforme sugerido, existiu a diminuição da afetividade grupal após a apresentação do desviante, ou seja, ocorreu a emergência de emoções negativas face ao grupo, havendo, posteriormente, o restabelecimento desse nível emocional positivo aquando da punição do desviante. Uma vez mais, de forma antagónica ao esperado, as questões neutras de avaliação escolar tiveram o mesmo efeito que a escala punitiva, fazendo com que os participantes restabelecessem as suas emoções positivas no terceiro momento de avaliação.

Capítulo 6 – Conclusão

No que concerne à Identificação Grupal, os padrões apresentados foram parcialmente de encontro ao desejado, uma vez que, contrariamente aos resultados encontrados em Cameira e Ribeiro (2014), existiu o restabelecimento da identificação com o grupo mesmo para os participantes que não tiveram a possibilidade de recomendar uma punição ao desviante. Contudo, foi possível perceber que a desidentificação funciona como um amortecedor do *self*, dado que os níveis de identificação com o grupo foram repostos após a possibilidade de recomendar uma ação punitiva aos desviantes.

Apesar de os resultados anteriormente referidos não terem sido os idealizados, acredita-se que a presente investigação traga um contributo impulsionador para a literatura da Identidade Social, através da pesquisa das três componentes propostas por Cameron (2004) tendo em conta a exposição dos participantes a comportamentos desviantes e à possibilidade, ou não, de os punirem. Ainda que parca, foi possível ter uma visão preliminar sobre o padrão das três componentes da Identidade Social. Uma vez mais, os resultados encontrados foram os esperados aquando da apresentação do desvio, mas os níveis de identificação com o grupo, no último momento avaliativo, não foram os esperados para aqueles que não tiveram a possibilidade de derrogar os desviantes.

Assim sendo, parece evidente poder assumir que o conjunto de questões utilizadas para induzir a impossibilidade de reação teve o efeito contrário ao esperado, fazendo com que fosse induzida a sensação de julgamento do comportamento desviante. Similarmente, uma outra limitação foi encontrada: a introdução de uma temática específica pode ter sido determinante para a criação de um subgrupo (aficionados por desporto) no qual alguns dos elementos do grupo principal (instituição de ensino) não se identificavam. Perante este facto, acredita-se que o desvio escolhido não foi suficientemente revelante para pôr em causa a legitimidade do grupo, fazendo com que os participantes punissem de igual forma os elementos desviantes do seu grupo e do grupo externo. A irrelevância do desvio fez também com que a sua punição fosse baixa face a outros estudos semelhantes. A forma simples de combater esta falha metodológica, mantendo o comportamento desviante, seria apenas utilizar participantes de desporto escolar na investigação. Assim, garantia-se a pertença escolar e a afinidade com o desporto.

Para investigações futuras, recomenda-se o seguimento do estudo das componentes da identidade social propostas por Cameron (2004) na reação ao desvio intergrupar. No entanto, de forma a não fragilizar as componentes com a fragmentação da escala pelos vários momentos de avaliação, sugere-se a introdução de maior número questões por componente, com o objetivo de criar a robustez adequada. Outra investigação futura que poderá fazer sentido, diz respeito à aplicação das componentes de desidentificação propostas por Becker e Tausch (2014) neste tipo de plano experimental. Desta forma, é possível incrementar o conhecimento acerca dos processos que estão por detrás da desidentificação como resposta a um comportamento desviante e como efeito amortecedor do *self*. Para aqueles que desejam seguir os estudos de Caneira e Ribeiro (2014) sobre o papel da Desidentificação na reação ao desvio, alerta-se para a escolha do comportamento desviante. Este tem de ser suficientemente relevante para que a legitimidade do grupo seja posta em causa e, por isso, é fundamental que seja o mais inclusivo possível face ao grupo em questão.

Referências Bibliográficas

- Abrams, D. (2015). Social identity and intergroup relations. In M. Mikulincer, P. R. Shaver, J. F. Dovidio, & J. A. Simpson (Eds.), *APA handbooks in psychology. APA handbook of personality and social psychology, Vol. 2. Group processes* (pp. 203-228). Washington, DC, US: American Psychological Association.
- Allport, G. W. (1954). *The nature of prejudice*. Cambridge, Mass: Addison-Wesley.
- Becker, J. & Tausch, N. (2014). When Group Memberships are Negative: The Concept, Measurement, and Behavioral Implications of Psychological Disidentification. *Self and Identity*, 13(3), pp.294-321.
- Billig, M., & Tajfel, H. (1973). Social categorization and similarity in intergroup behaviour. *European Journal Of Social Psychology*, 3(1), pp.27-52.
- Brown, R., Condor, S., Mathews, A., Wade, G. & Williams, J. (1986). Explaining intergroup differentiation in an industrial organization. *Journal of Occupational Psychology*, 59(4), pp.273-286.
- Bruner, J. S. (1957). On perceptual readiness. *Psychology Review*, 64, pp. 123-51.
- Cameira, M. & Ribeiro, T. (2014). Reactions to Intragroup Deviance: Does Disidentification Have a Role?. *The Journal of Social Psychology*, 154(3), pp.233-250.
- Cameron, J. (2004). A Three-Factor Model of Social Identity. *Self and Identity*, 3(3), pp.239-262.
- Cameron, J. & Lalonde, R. (2001). Social identification and gender-related ideology in women and men. *British Journal of Social Psychology*, 40(1), pp.59-77.
- Commins, B. & Lockwood, J. (1979). The effects of status differences, favoured treatment and equity on intergroup comparisons. *European Journal of Social Psychology*, 9(3), pp.281-289.
- Eidelman, S. & Biernat, M. (2003). Derogating black sheep: Individual or group protection? *Journal of Experimental Social Psychology*, 39, pp.602–609.
- Ellemers, N., Kortekaas, P. & Ouwerkerk, J. (1999). Self-categorisation, commitment to the group and group self-esteem as related but distinct aspects of social identity. *European Journal of Social Psychology*, 29(2-3), pp.371-389.

- Ellemers, N., Spears, R. & Doosje, B. (1997). Sticking together or falling apart: In-group identification as a psychological determinant of group commitment versus individual mobility. *Journal of Personality and Social Psychology*, 72(3), pp.617-626.
- Festinger, L. (1950). Informal social communication. *Psychological Review*, 57(5), pp.271-282.
- Festinger, L. (1954). A Theory of Social Comparison Processes. *Human Relations*, 7(2), pp.117-140.
- Hogg, M. A. (2006). Social Identity Theory. In P. J. Burke (Ed.), *Contemporary social psychological theories* (pp. 111-136): Stanford University Press.
- Hogg, M. A. & Abrams, D. (1988). *Social identifications: A social psychology of intergroup relations and group processes*. New York: Routledge, Chapman & Hall.
- Ikegami, T. (2010). Precursors and Consequences of In-Group Disidentification: Status System Beliefs and Social Identity. *Identity*, 10(4), pp.233-253.
- Jetten, J., Iyer, A., Tsvirikos, D. & Young, B. (2008). When is individual mobility costly? The role of economic and social identity factors. *European Journal of Social Psychology*, 38(5), pp.866-879.
- Marques, J. M. (1990). The black sheep effect: outgroup homogeneity in social comparison settings. In D. Abrams, & M. A. Hogg, *Social identity theory: constructive and critical advances*. (pp. 131-151). New Iorque: Harvester Wheatsheaf.
- Marques, J. M., Abrams, D., Páez, D. & Hogg, M. A. (2001a). *Social categorization, Social Identification, and Rejection of Deviant Group Members*. Blackwell Handbook of Social Psychology: Group Processes. Edited by M. A. Hogg and R. S. Tindale. Oxford, UK: Blackwell. pp.400-424
- Marques, J. M., Abrams, D., & Serôdio, R. G. (2001b). Being better by being right: Subjective group dynamics and derogation of in-group deviants when generic norms are undermined. *Journal of Personality and Social Psychology*, 81(3), pp.436-447.
- Marques, J. M. & Páez, D. (1994). The 'Black Sheep Effect': Social Categorization, Rejection of Ingroup Deviates, and Perception of Group Variability. *European Review of Social Psychology*, 5(1), pp.37-68.

- Marques, J. M., Páez, D. & Abrams, D. (1998). Social identity and intragroup differentiation as subjective social control. In S. Worchel, J. F. Morales, D. Paez, & J.-C. Deschamps (Eds.), *Social identity: International perspectives* (pp. 124–141). London, England: Sage.
- Marques, J. M., Yzerbyt, V. & Leyens, J. (1988). The “Black Sheep Effect”: Extremity of judgments towards ingroup members as a function of group identification. *European Journal of Social Psychology*, 18(1), pp.1-16.
- Oakes, P. (1987). The Saliency of Social Categories. In Turner, J. C., Hogg, M. A., Oakes, P., Reicher, S. D. & Wetherell, M. S. (1987). *Rediscovering the social group: A self-categorization theory*. London: Blackwell.
- Oakes, P., Haslam, S. A. & Turner, J. C. (1998). The role of prototypicality in group influence and cohesion: Contextual variation in the graded structure of social categories. In S. Worchel, J. F. Morales, D. Páez, & J.-C. Deschamps (Eds.), *Social identity: International perspectives* (pp. 75-92). Thousand Oaks, CA, US: Sage Publications, Inc.
- Obst, P., White, K., Mavor, K. & Baker, R. (2011). Social Identification Dimensions as Mediators of the Effect of Prototypicality on Intergroup Behaviours. *Psychology*, 02(05), pp.426-432.
- Rosch, E. (1978). Principles of categorization. In E. Rosch & B. Lloyd (Eds.) *Cognition and categorization*. New York: Wiley & Sons.
- Sherif, M., Harvey, O. J., White, B. J., Hood, W. R., & Sherif, C. W. (1961). *Intergroup conflict and cooperation: The Robbers Cave experiment (Vol. 10)*. Norman, OK: University Book Exchange.
- Sorokin, P. (1998). *Social mobility*. London: Routledge/Thoemmes Press.
- Tajfel, H. (1978). *Differentiation between social groups: studies in the social psychology of intergroup relations*. London: Academic Press.
- Tajfel, H. (1981). *Human groups and social categories*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Tajfel, H. (1982). Social Psychology of Intergroup Relations. *Annual Review Of Psychology*, 33(1), pp.1-39.

- Tajfel, H., Billig, M., Bundy, R. & Flament, C. (1971) Social Categorization and intergroup behavior. *Eur. J. soc. Psychol.*, 1, pp.149-178.
- Tajfel, H. & Turner, J. C. (1986). The social identity theory of intergroup Behaviour. In S. Worchel & W. G. Austin (eds.), *The psychology of intergroup relations*, pp.7-24. Chicago: Nelson-Hall
- Turner, J. C. (1975). Social comparison and social identity: Some prospects for intergroup behaviour. *European Journal of Social Psychology*, 5(1), pp1-34.
- Turner, J. C., Brown, R., & Tajfel, H. (1979). Social comparison and group interest in ingroup favouritism. *European Journal of Social Psychology*, 9(2), pp.187-204.
- Turner, J. C., Hogg, M. A., Oakes, P., Reicher, S. D. & Wetherell, M. S. (1987). *Rediscovering the social group: A self-categorization theory*. London: Blackwell.

ANEXOS

Informações sobre o estudo

O presente questionário faz parte de um projeto de investigação do Mestrado Integrado em Psicologia Social, em parceria com o Instituto Português de Desporto Escolar (I.P.D.E).

O objetivo passa sobretudo por recolher, impressões, opiniões e reações sobre um tema que cada vez ganha mais adeptos no seio de jovens adolescentes: o desporto escolar e competições interescolares.

As tuas respostas são anónimas e confidenciais. Os dados não serão analisados individualmente, mas de forma agregada, conjuntamente com as respostas dos restantes participantes.

Não haverá respostas corretas nem erradas, por isso pedimos-te que respondas o mais sinceramente possível.

Agradecemos desde já a tua valorosa colaboração.

Sexo: Masculino Feminino

Idade: _____

Já participaste em algum concurso interescolar? Sim Não

Participaste ou participas em Desporto Escolar? Sim Não

Se sim, em qual? _____

1. As seguintes perguntas dizem respeito à **forma como te vês enquanto aluno da Escola Secundária de Paredes/Penafiel (ESParedes/ESPenafiel)**. Indica o teu grau de concordância.

Escala de resposta: **1= Discordo totalmente; 7= Concordo totalmente**

	Discordo Totalmente			Concordo Totalmente			
	1	2	3	4	5	6	7
Tenho muito em comum com os alunos da ESParedes/ESPenafiel							
Não me sinto conectado aos alunos da minha escola							
Às vezes, penso sobre o facto de ser um aluno da ESParedes/ESPenafiel							
Em geral, estou feliz por ser um aluno desta escola							

Na presente folha, iremos-te apresentar uma pequena notícia. Lê com atenção e depois passa à folha seguinte.

Início > Destaques > Final da Taça de Tênis de Mesa entre a Escola...

Destaques Desporto Escolar

Final da Taça de Tênis de Mesa entre Escola Secundária de Paredes e Escola Secundária de Penafiel fica marcada por atos de vandalismo.

Foi durante a final do jogo de desporto escolar de tênis de mesa que os alunos adeptos da Escola Secundária de Paredes vandalizaram o autocarro da equipa adversária, que lhes custou o título de campeões do ano letivo 2012/2013.

Por **Fernanda Pinto** - Mai 20, 2013 1

 Partilhar no Facebook  Tweet no Twitter  



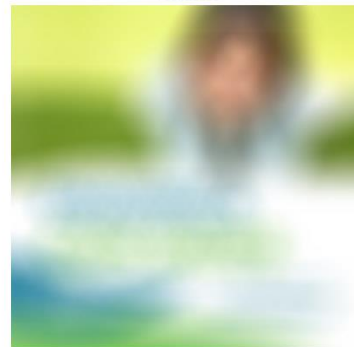
O último jogo da competição de tênis de mesa 2012/2013 promovido pelo desporto escolar, entre as equipas da Escola Secundária de Paredes e da Escola Secundária de Penafiel, realizado nas instalações desportivas da Escola Secundária Filipa de Vilhena no Porto, fica marcado por atos de vandalismo.

No decorrer do jogo final, constituído por 5 sets, Pedro, o jogador representante da Escola Secundária de Paredes ganhava por 2-0 quando, em euforia, os seus colegas abandonaram as bancadas e vandalizaram o autocarro da escola adversária que estava no parque de estacionamento. Os alunos Paredenses aproveitaram o momento em que todos estavam atentos ao jogo para se apoderarem do autocarro com o intuito de furar pneus, rasgar acentos e partir vidros arremessando pedras.

Quando a comissão organizadora se apercebeu do sucedido, interrompeu a partida e acalmou os estudantes. Posteriormente, esta mesma comissão, decidiu penalizar a Escola Secundária de Paredes, desqualificando-a. Deste modo, a Escola Secundária de Penafiel foi a vencedora do torneiro de Tênis de Mesa do ano 2012/2013.

Em entrevista para o Olhar Verdadeiro, o vencedor revela que "é uma situação deplorável, mas mesmo que a penalização não tivesse ocorrido, nós iríamos levar o prémio para casa porque os penafidelenses irão ser sempre melhores que os paredenses".

Publicidade



Alinhamentos

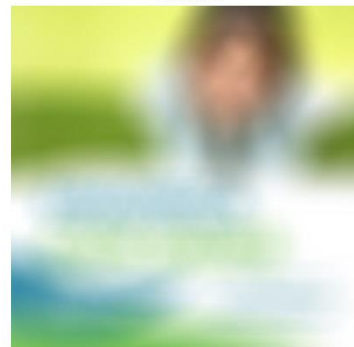


Então e os nórdicos?...
Francisco Coelho da Rocha

0



Publicidade



Newsletter

Subscreva a nossa newsletter e tenha semanalmente um resumo das principais notícias da região



Antes de prosseguires, responde por favor às seguintes questões:

De que escola eram os alunos que vandalizaram o autocarro da equipa adversária?

Descreve de forma muito abreviada o comportamento dos colegas adeptos que a notícia refere:

2. As seguintes questões dizem respeito à forma como te vês enquanto aluno da Escola Secundária de Paredes/Penafiel (ESParedes/ESPenafiel). Indica o teu grau de concordância.

Escala de resposta: **1= Discordo totalmente; 7= Concordo totalmente**

	Discordo Totalmente				Concordo Totalmente		
	1	2	3	4	5	6	7
Tenho laços muito fortes com os outros alunos da minha escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
No geral, ser aluno da ESParedes/ESPenafiel tem pouca influência na forma como me sinto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O facto de ser um aluno da ESParedes/ESPenafiel raramente passa pela minha cabeça	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Às vezes arrependo-me de ser um aluno desta escola.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

3. Pensando agora no comportamento referido no excerto da entrevista que acabaste de ler, na tua opinião, qual deveria ter sido a medida mais correta a aplicar a este grupo de alunos? Deverás assinalar apenas uma opção, rodeando o número da sua resposta.

1. Ignorar, não tomando qualquer medida prática.
2. Promover o diálogo com os referidos alunos, a fim de evitar futuras situações idênticas.
3. Exigir um pedido de desculpas formal e oral, a todos os alunos da escola.
4. Aplicação de uma sanção de trabalho comunitário dentro da escola.
5. Suspensão da escola por três dias
6. Suspensão da escola por duas semanas
7. Expulsão da escola

4. As seguintes afirmações dizem respeito à forma como se vê enquanto aluno da **Escola Secundária de Paredes/Penafiel (ESParedes/ESPenafiel)**. Indique o seu grau de concordância:

Escaia de resposta: 1= Discordo totalmente; 7= Concordo totalmente

	Discordo Totalmente						Concordo Totalmente
	1	2	3	4	5	6	7
Acho difícil criar laços com outro aluno da ESParedes/ESPenafiel							
<hr/>							
Em geral, ser aluno da ESParedes/ESPenafiel é uma parte importante da imagem que tenho sobre mim							
<hr/>							
Não me sinto bem em ser um aluno da minha escola							
Geralmente, sinto-me bem quando penso que sou um aluno da Escola Secundária de Paredes/Escola Secundária de Penafiel							

Obrigado pela participação!

Informações sobre o estudo

O presente questionário faz parte de um projeto de investigação do Mestrado Integrado em Psicologia Social, em parceria com o Instituto Português de Desporto Escolar (I.P.D.E).

O objetivo passa sobretudo por recolher, impressões, opiniões e reações sobre um tema que cada vez ganha mais adeptos no seio de jovens adolescentes: o desporto escolar e competições interescolares.

As tuas respostas são anónimas e confidenciais. Os dados não serão analisados individualmente, mas de forma agregada, conjuntamente com as respostas dos restantes participantes.

Não haverá respostas corretas nem erradas, por isso pedimos-te que respondas o mais sinceramente possível.

Agradecemos desde já a tua valorosa colaboração.

Sexo: Masculino Feminino

Idade: _____

Já participaste em algum concurso interescolar? Sim Não

Participaste ou participas em Desporto Escolar? Sim Não

Se sim, em qual? _____

1. As seguintes perguntas dizem respeito à **forma como te vês enquanto aluno da Escola Secundária de Paredes/Penafiel (ESParedes/ESPenafiel)**. Indica o teu grau de concordância.

Escala de resposta: 1= Discordo totalmente; 7= Concordo totalmente

	Discordo Totalmente			Concordo Totalmente			
	1	2	3	4	5	6	7
Tenho muito em comum com os alunos da ESParedes/ESPenafiel	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não me sinto conectado aos alunos da minha escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Às vezes, penso sobre o facto de ser um aluno da ESParedes/ESPenafiel	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Em geral, estou feliz por ser um aluno desta escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Na presente folha, iremos-te apresentar uma pequena notícia. Lê com atenção e depois passa à folha seguinte.

Início ▸ Destaques ▸ Final da Taça de Tênis de Mesa entre a Escola...

Destaques Desporto Escolar

Final da Taça de Tênis de Mesa entre Escola Secundária de Paredes e Escola Secundária de Penafiel fica marcada por atos de vandalismo.

Foi durante a final do jogo de desporto escolar de ténis de mesa que os alunos adeptos da Escola Secundária de Penafiel vandalizaram o autocarro da equipa adversária, que lhes custou o título de campeões do ano letivo 2012/2013.

Por **Fernanda Pinto** - Mai 20, 2013 1



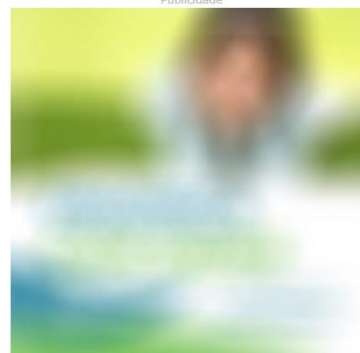
O último jogo da competição de ténis de mesa 2012/2013 promovido pelo desporto escolar, entre as equipas da Escola Secundária de Paredes e da Escola Secundária de Penafiel, realizado nas instalações desportivas da Escola Secundária Filipa de Vilhena no Porto, fica marcado por atos de vandalismo.

No decorrer do jogo final, constituído por 5 sets, Pedro, o jogador representante da Escola Secundária de Penafiel ganhava por 2-0 quando, em euforia, os seus colegas abandonaram as bancadas e vandalizaram o autocarro da escola adversária que estava no parque de estacionamento. Os alunos Penafidelenses aproveitaram o momento em que todos estavam atentos ao jogo para se apoderarem do autocarro com o intuito de furar pneus, rasgar acentos e partir vidros arremessando pedras.

Quando a comissão organizadora se apercebeu do sucedido, interrompeu a partida e acalmou os estudantes. Posteriormente, esta mesma comissão, decidiu penalizar a Escola Secundária de Penafiel, desqualificando-a. Deste modo, a Escola Secundária de Paredes foi a vencedora do torneiro de Tênis de Mesa do ano 2012/2013.

Em entrevista para o Olhar Verdadeiro, o vencedor revela que "é uma situação deplorável, mas mesmo que a penalização não tivesse ocorrido, nós iríamos levar o prémio para casa porque os paredenses irão ser sempre melhores que os penafidelenses".

Publicidade



Alinhamentos

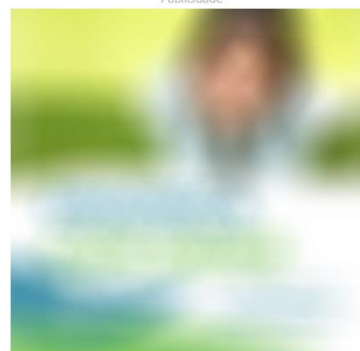


Então e os nórdicos?...
Francisco Coelho da Rocha

0



Publicidade



Newsletter

Subscreva a nossa newsletter e tenha semanalmente um resumo das principais notícias da região

Antes de prosseguires, responde por favor às seguintes questões:

De que escola eram os alunos que vandalizaram o autocarro da equipa adversária?

Descreve de forma muito abreviada o comportamento dos colegas adeptos que a notícia refere:

2. As seguintes questões dizem respeito à forma como te vês enquanto aluno da Escola Secundária de Paredes/Penafiel (ESParedes/ESPenafiel). Indica o teu grau de concordância.

Escala de resposta: **1= Discordo totalmente; 7= Concordo totalmente**

	Discordo Totalmente			Concordo Totalmente			
	1	2	3	4	5	6	7
Tenho laços muito fortes com os outros alunos da minha escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
No geral, ser aluno da ESParedes/ESPenafiel tem pouca influência na forma como me sinto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O facto de ser um aluno da ESParedesESPenafiel raramente passa pela minha cabeça	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Às vezes arrependo-me de ser um aluno desta escola.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

3. Pensando agora no comportamento referido no excerto da entrevista que acabaste de ler, na tua opinião, qual deveria ter sido a medida mais correta a aplicar a este grupo de alunos? Deverás assinalar apenas uma opção, rodeando o número da sua resposta.

1. Ignorar, não tomando qualquer medida prática.
2. Promover o diálogo com os referidos alunos, a fim de evitar futuras situações idênticas.
3. Exigir um pedido de desculpas formal e oral, a todos os alunos da escola.
4. Aplicação de uma sanção de trabalho comunitário dentro da escola.
5. Suspensão da escola por três dias
6. Suspensão da escola por duas semanas
7. Expulsão da escola

4. As seguintes afirmações dizem respeito à **forma como se vê enquanto aluno da Escola Secundária de Paredes/Penafiel (ESParedes/ESPenafiel)**. Indique o seu grau de concordância:

Escala de resposta: **1= Discordo totalmente; 7= Concordo totalmente**

	Discordo Totalmente						Concordo Totalmente
	1	2	3	4	5	6	7
Acho difícil criar laços com outro aluno da ESParedes/ESPenafiel	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<hr/>							
Em geral, ser aluno da ESParedes/ESPenafiel é uma parte importante da imagem que tenho sobre mim	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<hr/>							
Não me sinto bem em ser um aluno da minha escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Geralmente, sinto-me bem quando penso que sou um aluno da Escola Secundária de Paredes/Escola Secundária de Penafiel	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Obrigado pela participação!

Informações sobre o estudo

O presente questionário faz parte de um projeto de investigação do Mestrado Integrado em Psicologia Social, em parceria com o Instituto Português de Desporto Escolar (I.P.D.E).

O objetivo passa sobretudo por recolher, impressões, opiniões e reações sobre um tema que cada vez ganha mais adeptos no seio de jovens adolescentes: o desporto escolar e competições interescolares.

As tuas respostas são anónimas e confidenciais. Os dados não serão analisados individualmente, mas de forma agregada, conjuntamente com as respostas dos restantes participantes.

Não haverá respostas corretas nem erradas, por isso pedimos-te que respondas o mais sinceramente possível.

Agradecemos desde já a tua valorosa colaboração.

Sexo: Masculino Feminino

Idade: _____

Já participaste em algum concurso interescolar? Sim Não

Participaste ou participas em Desporto Escolar? Sim Não

Se sim, em qual? _____

1. As seguintes perguntas dizem respeito à **forma como te vês enquanto aluno da Escola Secundária de Paredes/Penafiel (ESParedes/ESPenafiel)**. Indica o teu grau de concordância.

Escala de resposta: 1= Discordo totalmente; 7= Concordo totalmente

	Discordo Totalmente						Concordo Totalmente
	1	2	3	4	5	6	7
Tenho muito em comum com os alunos da ESParedes/ESPenafiel	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não me sinto conectado aos alunos da minha escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Às vezes, penso sobre o facto de ser um aluno da ESParedes/ESPenafiel	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Em geral, estou feliz por ser um aluno desta escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Na presente folha, iremos-te apresentar uma pequena notícia. Lê com atenção e depois passa à folha seguinte.



REGIÃO ▾ LOUSADA ▾ PAÇOS DE FERREIRA ▾ PAREDES ▾ PENAFIEL ▾ VALONGO ▾ OPINIÃO ▾ ESPECIAIS ▾



Início > Destaques > Final da Taça de Tênis de Mesa entre a Escola...

Destaques | Desporto Escolar

Final da Taça de Tênis de Mesa entre Escola Secundária de Paredes e Escola Secundária de Penafiel fica marcada por atos de vandalismo.

Foi durante a final do jogo de desporto escolar de tênis de mesa que os alunos adeptos da Escola Secundária de Paredes vandalizaram o autocarro da equipa adversária, que lhes custou o título de campeões do ano letivo 2012/2013.

Por **Fernanda Pinto** - Mai 20, 2013 1



O último jogo da competição de tênis de mesa 2012/2013 promovido pelo desporto escolar, entre as equipas da Escola Secundária de Paredes e da Escola Secundária de Penafiel, realizado nas instalações desportivas da Escola Secundária Filipa de Vilhena no Porto, fica marcado por atos de vandalismo.

No decorrer do jogo final, constituído por 5 sets, Pedro, o jogador representante da Escola Secundária de Paredes ganhava por 2-0 quando, em euforia, os seus colegas abandonaram as bancadas e vandalizaram o autocarro da escola adversária que estava no parque de estacionamento. Os alunos Paredenses aproveitaram o momento em que todos estavam atentos ao jogo para se apoderarem do autocarro com o intuito de furar pneus, rasgar acentos e partir vidros arremessando pedras.

Quando a comissão organizadora se apercebeu do sucedido, interrompeu a partida e acalmou os estudantes. Posteriormente, esta mesma comissão, decidiu penalizar a Escola Secundária de Paredes, desqualificando-a. Deste modo, a Escola Secundária de Penafiel foi a vencedora do torneiro de Tênis de Mesa do ano 2012/2013.

Em entrevista para o Olhar Verdadeiro, o vencedor revela que "é uma situação deplorável, mas mesmo que a penalização não tivesse ocorrido, nós iríamos levar o prémio para casa porque os penafidelenses irão ser sempre melhores que os paredenses".

Publicidade



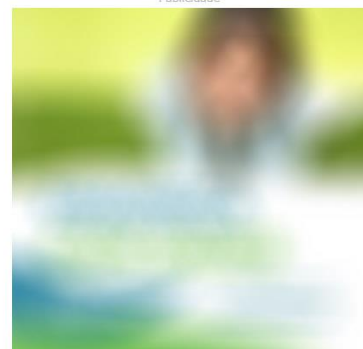
Alinhamentos



Então e os nórdicos?...
Francisco Coelho da Rocha 0



Publicidade



Newsletter

Subscreva a nossa newsletter e tenha semanalmente um resumo das principais notícias da região



Antes de prosseguires, responde por favor às seguintes questões:

De que escola eram os alunos que vandalizaram o autocarro da equipa adversária?

Descreve de forma muito abreviada o comportamento dos colegas adeptos que a notícia refere:

2. As seguintes questões dizem respeito à forma como te vês enquanto aluno da Escola Secundária de Paredes/Penafiel (ESParedes/ESPenafiel). Indica o teu grau de concordância.

Escala de resposta: 1= Discordo totalmente; 7= Concordo totalmente

	Discordo Totalmente				Concordo Totalmente		
	1	2	3	4	5	6	7
Tenho laços muito fortes com os outros alunos da minha escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
No geral, ser aluno da ESParedes/ESPenafiel tem pouca influência na forma como me sinto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O facto de ser um aluno da ESParedes/ESPenafiel raramente passa pela minha cabeça	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Às vezes arrependo-me de ser um aluno desta escola.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

3. De forma a que consigamos ter uma perceção mais detalha das preocupações que os alunos têm relativamente ao Desporto Escolar, pedimos-te que exponhas a tua opinião face às seguintes questões. Indica o teu grau de concordância.

	Discordo Totalmente				Concordo Totalmente		
	1	2	3	4	5	6	7
O desporto na minha escola não está nada ajustado às necessidades dos alunos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Gostaria que houvessem mais modalidades desportivas na minha escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Considero que as competições com as outras escolas são fundamentais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Penso que o desporto na minha escola está bem implementado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A minha escola tem capacidade para gerir as modalidades a que se destina	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

4. As seguintes afirmações dizem respeito à **forma como se vê enquanto aluno da Escola Secundária de Paredes (ESParedes)**. Indique o seu grau de concordância:

Escala de resposta: **1= Discordo totalmente; 7= Concordo totalmente**

	Discordo Totalmente							Concordo Totalmente
	1	2	3	4	5	6	7	
Acho difícil criar laços com outro aluno da ESParedes/ESPenafiel	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Em geral, ser aluno da ESParedes/ESPenafiel é uma parte importante da imagem que tenho sobre mim	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não me sinto bem em ser um aluno da minha escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Geralmente, sinto-me bem quando penso que sou um aluno da Escola Secundária de Paredes/Escola Secundária de Penafiel	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Obrigado pela participação!

Informações sobre o estudo

O presente questionário faz parte de um projeto de investigação do Mestrado Integrado em Psicologia Social, em parceria com o Instituto Português de Desporto Escolar (I.P.D.E).

O objetivo passa sobretudo por recolher, impressões, opiniões e reações sobre um tema que cada vez ganha mais adeptos no seio de jovens adolescentes: o desporto escolar e competições interescolares.

As tuas respostas são anónimas e confidenciais. Os dados não serão analisados individualmente, mas de forma agregada, conjuntamente com as respostas dos restantes participantes.

Não haverá respostas corretas nem erradas, por isso pedimos-te que respondas o mais sinceramente possível.

Agradecemos desde já a tua valorosa colaboração.

Sexo: Masculino Feminino

Idade: _____

Já participaste em algum concurso interescolar? Sim Não

Participaste ou participas em Desporto Escolar? Sim Não

Se sim, em qual? _____

1. As seguintes perguntas dizem respeito à **forma como te vês enquanto aluno da Escola Secundária de Paredes/Penafiel (ESParedes/ESPenafiel)**. Indica o teu grau de concordância.

Escala de resposta: 1= Discordo totalmente; 7= Concordo totalmente

	Discordo Totalmente			Concordo Totalmente			
	1	2	3	4	5	6	7
Tenho muito em comum com os alunos da ESParedes/ESPenafiel							
Não me sinto conectado aos alunos da minha escola							
Às vezes, penso sobre o facto de ser um aluno da ESParedes/ESPenafiel							
Em geral, estou feliz por ser um aluno desta escola							

Na presente folha, iremos-te apresentar uma pequena notícia. Lê com atenção e depois passa à folha seguinte.



REGIÃO ▾ LOUSADA ▾ PAÇOS DE FERREIRA ▾ PAREDES ▾ PENAFIEL ▾ VALONGO ▾ OPINIÃO ▾ ESPECIAIS ▾



Início > Destaques > Final da Taça de Tênis de Mesa entre a Escola...

Destaques Desporto Escolar

Final da Taça de Tênis de Mesa entre Escola Secundária de Paredes e Escola Secundária de Penafiel fica marcada por atos de vandalismo.

Foi durante a final do jogo de desporto escolar de tênis de mesa que os alunos adeptos da Escola Secundária de Penafiel vandalizaram o autocarro da equipa adversária, que lhes custou o título de campeões do ano letivo 2012/2013.

Por **Fernanda Pinto** - Mai 20, 2013 1



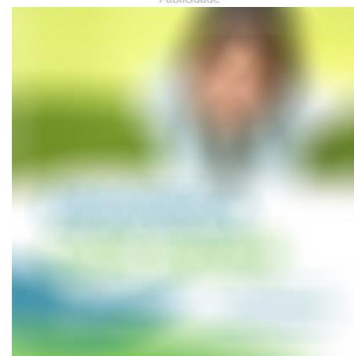
O último jogo da competição de tênis de mesa 2012/2013 promovido pelo desporto escolar, entre as equipas da Escola Secundária de Paredes e da Escola Secundária de Penafiel, realizado nas instalações desportivas da Escola Secundária Filipa de Vilhena no Porto, fica marcado por atos de vandalismo.

No decorrer do jogo final, constituído por 5 sets, Pedro, o jogador representante da Escola Secundária de Penafiel ganhava por 2-0 quando, em euforia, os seus colegas abandonaram as bancadas e vandalizaram o autocarro da escola adversária que estava no parque de estacionamento. Os alunos Penafidelenses aproveitaram o momento em que todos estavam atentos ao jogo para se apoderarem do autocarro com o intuito de furar pneus, rasgar acentos e partir vidros arremessando pedras.

Quando a comissão organizadora se apercebeu do sucedido, interrompeu a partida e acalmou os estudantes. Posteriormente, esta mesma comissão, decidiu penalizar a Escola Secundária de Penafiel, desqualificando-a. Deste modo, a Escola Secundária de Paredes foi a vencedora do torneiro de Tênis de Mesa do ano 2012/2013.

Em entrevista para o Olhar Verdadeiro, o vencedor revela que "é uma situação deplorável, mas mesmo que a penalização não tivesse ocorrido, nós iríamos levar o prémio para casa porque os paredenses irão ser sempre melhores que os penafidelenses".

Publicidade



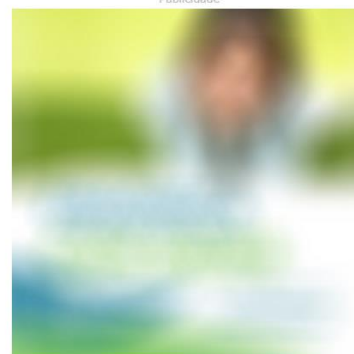
Alinhamentos



Então e os nórdicos?...
Francisco Coelho da Rocha



Publicidade



Newsletter

Subscreva a nossa newsletter e tenha semanalmente um resumo das principais notícias da região

Antes de prosseguires, responde por favor às seguintes questões:

De que escola eram os alunos que vandalizaram o autocarro da equipa adversária?

Descreve de forma muito abreviada o comportamento dos colegas adeptos que a notícia refere:

2. As seguintes questões dizem respeito à forma como te vês enquanto aluno da Escola Secundária de Paredes/Penafiel (ESParedes/ESPenafiel). Indica o teu grau de concordância.

Escala de resposta: **1= Discordo totalmente; 7= Concordo totalmente**

	Discordo Totalmente				Concordo Totalmente		
	1	2	3	4	5	6	7
Tenho laços muito fortes com os outros alunos da minha escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<hr/>							
No geral, ser aluno da ESParedes/ESPenafiel tem pouca influência na forma como me sinto	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
O facto de ser um aluno da ESParedes/ESPenafiel raramente passa pela minha cabeça	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
<hr/>							
Às vezes arrependo-me de ser um aluno desta escola.	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

3. De forma a que consigamos ter uma perceção mais detalha das preocupações que os alunos têm relativamente ao Desporto Escolar, **pedimos-te que exponhas a tua opinião face às seguintes questões**. Indica o teu grau de concordância.

Escala de resposta: 1= Discordo totalmente; 7= Concordo totalmente

	Discordo Totalmente	Concordo Totalmente
	1 2 3 4 5 6 7	
O desporto na minha escola não está nada ajustado às necessidades dos alunos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Gostaria que houvessem mais modalidades desportivas na minha escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Considero que as competições com as outras escolas são fundamentais	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Penso que o desporto na minha escola está bem implementado	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
A minha escola tem capacidade para gerir as modalidades a que se destina	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

4. As seguintes afirmações dizem respeito à **forma como se vê enquanto aluno da Escola Secundária de Paredes/ Penafiel (ESParedes/ESPenafiel)**. Indique o seu grau de concordância:

Escala de resposta: 1= Discordo totalmente; 7= Concordo totalmente

	Discordo Totalmente	Concordo Totalmente
	1 2 3 4 5 6 7	
Acho difícil criar laços com outro aluno da ESParedes/ESPenafiel	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Em geral, ser aluno da Esparedes/ESPenafiel é uma parte importante da imagem que tenho sobre mim	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Não me sinto bem em ser um aluno da minha escola	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
Geralmente, sinto-me bem quando penso que sou um aluno da Escola Secundária de Paredes/ Escola Secundária de Penafiel	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

Obrigado pela participação!